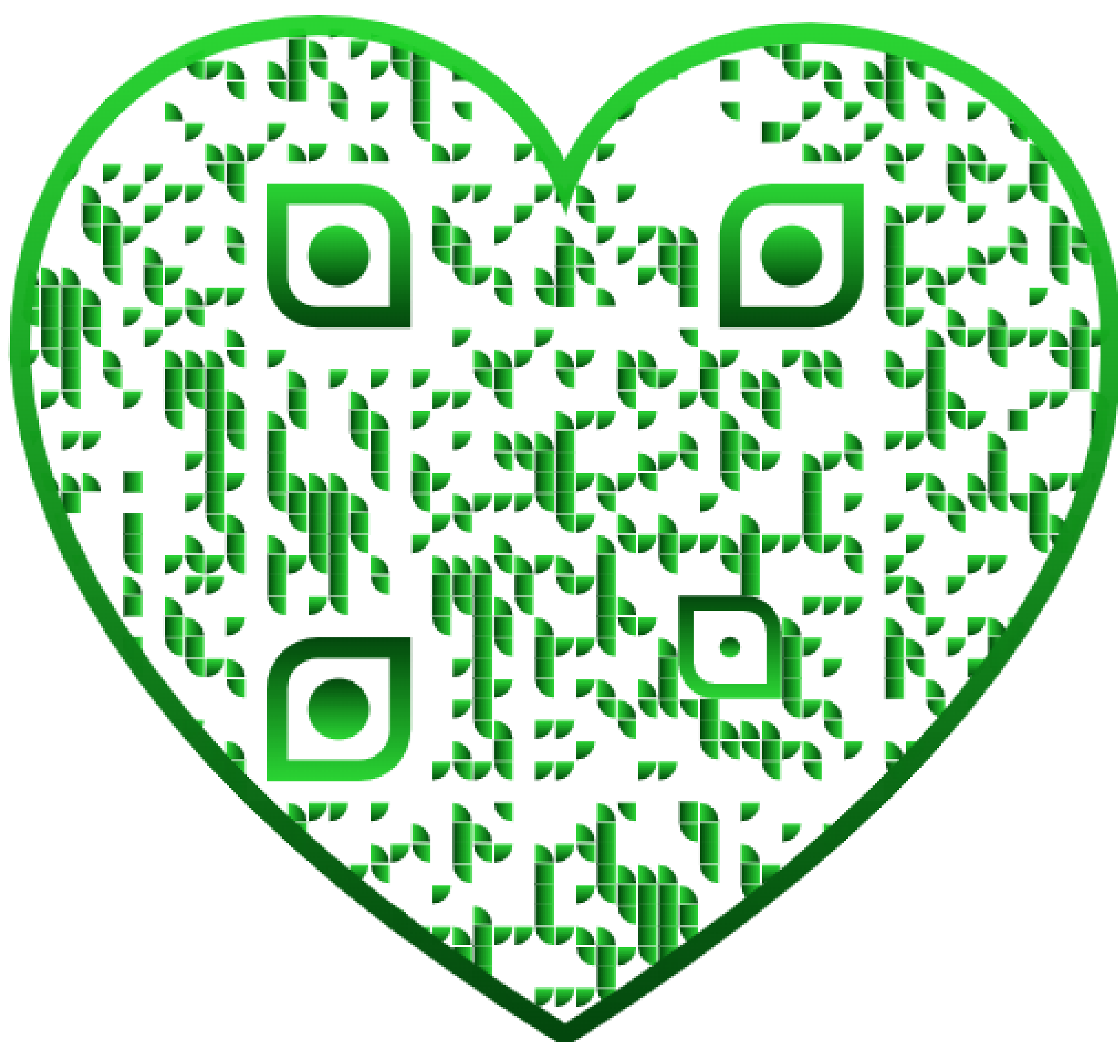
Um Amor em Paris



Digitalização por Aeon (http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=4803816064105466794)

Comunidade "Digitalização de Livros"
(http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=34725232)

Contra Capa: Viver um amor em Paris é o sonho de todo romântico. E quando essa Paris está localizada no Brasil, tudo fica bem mais fácil. O que nunca é simples é o amor... A Paris brasileira terá seu Arco do Triunfo, sua Torre Eiffel, seu rio Sena... e a história de amor contada no livro tem desencontros, muitas cartas apaixonadas, segredos, grandes viradas, surpresas e descobertas. Falta algum ingrediente para uma grande paixão?



Minha amiga Vera sentava-se à minha frente. Era pra ela que eu contava todos os meus segredos – desde os mais bobos até os mais importantes. Ela me ensinava durante as provas; eu passava algumas colas pra ela. Evidentemente tínhamos outras amigas. A Sônia era uma delas e, ainda por cima, vizinha da Vera. Moravam em casas geminadas. Iam juntas para a escola, voltavam juntas. Eu sempre voltava sozinha. Ficava me perguntando porque tinha de pegar ônibus para voltar pra casa, tão distante dos bairros mais conhecidos, tão longe da escola.
A cidade se dividia em duas: a parte alta, acima da linha do trem, onde ficava o bairro mais tradicional, e a parte baixa. Lentamente, a linha do trem começou a fatiar a cidade nessas duas metades.
A parte baixa ficava pra nós, claro. Os mais simples.
Por mais que os meus pais falassem que nós é que éramos os privilegiados, eu morria de inveja das minhas amigas lá "de cima da linha do trem". Elas é que estavam perto da escola, das lojas, das vitrines, do mundo.
- Mariana, presta atenção, as casas de cima são velhas, antigas. O bairro de baixo, que você chama de parte baixa, é o lado novo da cidade. Nossa casa é linda filha – palavras da minha mãe.
Quando se é adolescente, a única coisa que achamos da nossa mãe é que ela é uma velha. *Uma velha chata*.
- Mariana, nossa casa tem piscina, armários embutidos, biblioteca. Quem é que tem essas coisas lá em cima? – meu pai vivia repetindo.
Acontece que, quando se é adolescente, pai é mais chato que mãe. Ou então um tenta vencer o outro em um concurso de chatice.
Preferia casa velha na parte de cima, nem que fosse geminada. Era na frente daquelas casas que os meninos ficavam, passavam e namoravam as meninas.
Eu tinha um namorado. Se chamava Carlos. Era um cara bacana, metido a mauricinho, ruim de nota, mas bom de papo e de enrolação. Enquanto eu namorava o Carlos, a Vera namorava o Vítor, mais baixo, mais feio, mais... Mentira. Prometi a mim mesma que não ia mentir de novo. Chega.
Quando vi o Vitor, pela primeira vez, numa festa, esqueci que o mundo existia. Ele estava com uma calça desbotada – tinha passado alvejante -, uma camisa xadrez e uma camiseta branca por baixo. Tinha um cabelo na altura no queixo, liso, que balançava pra cá e pra lá. Cheirava a xampu. Depois daquele dia o Carlos passou a não existir. Eu só via o Vitor pela frente. Fui correndo perguntar a Sônia quem era aquela *"coisa maravilhosa, de cinema"...*
- Primo do Carlos, você não sabia? Ele é do sul. E ta namorando a Vera. Começaram ontem!
A Vera tinha me traído. Como é que ela não falou nada? Tínhamos saído, tomamos sorvete... A que horas ela começou o namoro?
Perdi a conta do tempo que fiquei ali, vendo os dois dançarem, agarrados, separados, agarrados de novo. O Carlos me puxou varias vezes até que desistiu. Eu só ficava olhando os dois. Ciúmes da Vera? Ciúmes de quem? Não sabia. Coração de adolescente sente coisas muito estranhas. Você pode estar apaixonado num minuto e desapaixonado num segundo.
Foi na segunda-feira que ela me contou como é que tudo rolou. E, pior, na aula de matemática.
- Mari, eu não resisti. Ele não é demais?
- Achei normal – menti.
- É porque você não conversou com ele. Precisa ver o sotaque – ela riu.
- Ta caída, é?
- Demais...
- Ele mora muito longe. Não vai dar pé!

- Nossa, até parece que você não entende disso. Já namorou um cara do Ceará!
- Mas foi por pouco tempo. Não deu certo.
- Que foi? Brigou com o Cacá? – ela ficou cismada.
- É que você... Ah, você nem contou pra mim que tinha começado a namorar o carinha. Foi logo contando pra Sossô.
- Ih, pintou um ciuminho é?
Pronto. Tava na cara. Eu estava enciumada, sim!
- Acontece que eu vou pra casa com a Sossô. Moramos em casas geminadas, pô! A parede do meu quarto dá pra parede do quarto dela. Se eu falar durante a noite, ela até escuta.
Tudo bem, tava desculpada. Precisava perder a mania de querer ás minhas amigas só para mim. Ainda mais a Vera, que era a mais inteligente da classe, ultraboa em Ciências. Ela não era boa só nisso. Era boa em Matemática, Historia, Geografia, Geometria. Nas aulas de vôlei, basquete, verdadeira fera. Eu entrava com Português e Inglês. No resto, verdadeiro fracasso. Em Português, eu arrasava. Minhas provas eram colocadas por cima, tinham as melhores notas. Minhas redações eram lidas em voz alta pela professora, que se derretia em elogios. Em Inglês, eu dava as minhas esnobadas. Lia muita revista em casa, fazia um curso legal. Trocava informações com a Vera. Mais dava do que recebia.
Na semana seguinte, ela estava tão preocupada em ler a carta do namorado, que esqueceu de entregar uma redação.
- Mariana, me salva! Faz uma redação pra mim?
Eu estava meio mal em Ciências, mas fiquei com pena da Vera. Apesar de estar entretida com aquelas duas paginas de carta, a ponto de esquecer de tudo, ela adivinhou meu pensamento.
- Tudo bem, xereta, eu deixo você ler a carta do Vitor. Nossa, é demais! Nem sei como vou fazer pra responder. Olha só como o cara escreve bem – ela mostrou.
Guardei-a comigo pra ler depois. Naquela hora eu tinha de fazer a redação para a minha amiga. Redação inventada, letra disfarçada – e lá ia dar tempo para ela passar a limpo? Com a minha letra certinha, tinha imitado a letra irregular da Vera, só que com uma melhoradinha. Descemos para o recreio. Ia ler a carta do Vitor, aquele supergato.
Azar. No caminho, encontrei com o Carlos. Disfarcei e guardei a carta no bolso da calça. Falei que estava com pressa e prometi que falaria com ele à noite.
- Sei não, vocês duas estão com uma cara!
- Cara de quê? – a tonta da Vera ainda deu conversa.
- E eu vou saber? Mulher anda sempre cochichando...
- Cacá, a gente ta com pressa... – puxei a Vera escada abaixo. Ela tinha mania de parar pra tudo e pra todos. Ficava dando confiança.
Escolhi um banco no gramado, aquele que ficava atrás da árvore grande. Ninguém ia passar por ali e, se passasse, azar. Um pouco de coisa errada fazia parte da nossa idade.
A Vera ficou do meu lado, só de butuca, enquanto eu lia a carta:

Caxias do Sul, céu estrelado, pensando em você...

Vera,

Não posso dizer que desci para Caxias, porque desci subindo. Vera, Vera, Vera. O seu nome veio batendo na janela do avião pedindo para entrar. Tarde. Você já estava dentro do meu peito, guria. O vôo foi bom. Cheguei meio cansado, sem muito ânimo para estudar. O segundo colegial é bem puxado, tem muita coisa pra ler, não dá pra deixar pro dia seguinte.

Ontem, quando parei em uma sinaleira, achei ter te visto. Encostei a moto e corri atrás da guria. Bobo, né? É que tu andas por aqui. Ando vendo Veras pelas esquinas, nas artistas de tevê... Será que também andas me vendo por aí na tua cidade? Tomara que sim!
Minha mãe quer saber de eu trouxe tua foto. Sabes como é: Mãe, só muda de endereço. Por mais que eu diga que tu és uma guria linda, ela custa a acreditar. Mas ela confia no meu bom gosto. Sabe que eu não sou de ir me apaixonando, assim, à toa. Minhas irmãs estão curiosas. Querem saber como fala alguém que mora em Paris!!! Tudo bem, estou fazendo piada com o nome da tua cidade... Não faço mais. Tua cidade me deu você, tem coisa melhor do que isso? Avisa o Carlos que eu esqueci meu moletom na casa dele. Ele tirou uma da minha cara... Disse que sou bem do sul, com esse negocio de carregar agasalho.

Escreve logo. Tenho saudade. Muita.

Beijo,

Vítor

Nossa! Eu estava sem fôlego!
- Mari, dá uma lida na carta que eu escrevi? – ela foi tirando uma folha do meio do caderno. – Dá uma olhada e vê o que você acha. Se tiver erro, é só corrigir.
- Deixa eu ver... – pedi. – Nossa, que papel! – estranhei.
- Larga de ser chata, esse é só o rascunho!
- Ah!
Desdobrei a carta. O que a Vera tinha de Inteligente, tinha de letra feia, horrorosa, parecia garrancho de moleque de primeira série.

Paris, 23 de Fevereiro.

Querido Vítor,

Estou sentindo a sua falta. Parece que falta alguma coisa, mas não sei o quê. Ficou tudo vazio. Estou matando aula pra escrever essa carta. Não tenho feito nada a não ser ir pra escola, casa, escola. Estou estudando pra uma prova de matemática, mas nada entra direito na minha cabeça.
Ontem fiquei ouvindo uma música do Elton John e fiquei pensando em você. Larguei a comida no prato. Minha mãe até estranhou.
Adorei a sua carta. Você escreve muito bem.

Também estou com saudade, viu?
Beijinho,

Vera

Levei um susto!
- Vera minha filha, com essa letra e esse conteúdo, se prepare pra ir ficando sem namorado, sem Vítor, sem nada. Sem esperança, guria! – brinquei com ela.
- Ta ruim, né? – ela ficou toda sem jeito.

- Ruim é apelido. Ta péssimo! – abanei a cabeça.
- E agora? Tava pensando até em passar a limpo pra colocar ainda hoje no Correio... – ela ficou toda desanimada.
Em nome da amizade e de um futuro amor, resolvemos matar aula dupla de Português. Pegamos nossas mochilas e fomos para o clube.
Não era tão difícil passar pelo portão do colégio. Já tínhamos feito isso outras vezes.
Pegamos uma mesa legal e tratei de dar uma cara para aquele bilhete horrorível, pavorível, medronhoso da Vera.
- Para quem mora nesse buraco de cidade, dividida ao meio por uma linha de trem, com o nome de Paris, o mínimo que se espera de uma cidadã é que ela seja criativa... – prendi o meu cabelo, que começava a me dar o maior calor no pescoço.
Abri meu bloco e comecei uma outra carta, com uma outra letra:

Paris, cidade sem brilho, esperando você...

Vítor,
Com medo de dividir a sua carta com quem quer que você, fui logo para o meu quarto. Liguei o som na nossa musica do Elton John e fiquei lendo até cansar. Tudo bem, não cansei. Estou aqui ainda, na minha cama, janela aberta, cortina voando, olhando para a sua letra, sentindo o seu perfume gostoso em cada linha, cada palavra.
Também andei vendo coisas... Vi você no meio da aula de Geografia, acha que pode? Você era o professor, olhava pra mim. Eu ficava vermelha e a classe ria. Vi você na cantina, vendendo coca-cola. Vi você no quintal, pulando o muro, quase caindo. Vitor, vejo você o dia todo... mas é tão pouco! Eu queria o Vitor que pudesse pegar, o Vítor que mexeu no meu cabelo, fez trança, maria-chiquinha, brincou com a minha mão, mediu cada dedo junto do seu, abriu minha bolsa, olhou os meus segredos, riu do meu batom, abriu meu perfume...
Tanta lição de Geografia, e eu aqui, detestando esse país tão grande, tanta distancia entre a gente, quilometragem demais... Se morássemos na Europa, mesmo na França, em Paris, seria tudo mais perto!
Aqui, nesta Paris, está tudo acabado... A não ser a sua carta a iluminar o meu quarto, a esquentar meu coração.

Um beijo,

Vera

- Nossa, Má, você arrasou! Eu nem acredito!
- Nem eu... – fiquei boba com a minha eficiência.
- É assim, você tem inspiração e pá-puf?
- Não, tem que ter um clima! – expliquei – Aqui tem um som, você falou dele, fui viajando...
- E como é que você sabia que ele tinha mexido no meu cabelo, olhado a minha bolsa? – ela estranhou.
- Ah, imaginei que tivesse sido assim. Quando eu vou ao cinema com o Cacá, ele fica mexendo no meu cabelo, na palma da minha mão... – parei, com remorso do que eu tinha acabado de fazer. Não sabia por quê, mas sentia de estava, de alguma forma, enganando meu namorado.
- Vou procurar seguir esse esquema! – a Vera pediu um suco de laranja ao garçom do clube.
Senti alguma coisa queimando na nuca. Cacá! Ele tinha matado aula também?
- Oi! – corri até ele.

- Oi, Mari. Matando aula?
- É, a gente não tava a fim de nada hoje – dei um beijinho nele.
- Oi, prima... – ele brincou com a Vera, que tratou de fechar o bloco.
Nenhuma de nós ia querer espalhar o segredo... muito menos para o primo do Vítor!
Ficamos por ali até quase o final da aula; só então pegamos nossas coisas e voltamos para o colégio. A Vera iria esperar a Sossô, e eu pegaria o ônibus.
O Cacá combinou de passar lá em casa à noite. Era um ano mais novo que o Vítor. Aos dezesseis, ainda brincava de repetir a oitava série, enquanto o Vítor estava no segundo colegial. Eu gostava dele, sem adorar. Tinha sido apaixonada por ele, ano passado, quando todas as meninas do colégio também eram apaixonadas por ele. Alto, braço musculoso, queimado do sol, cabelo liso, eu vivia recebendo bilhete das meninas dizendo que ele “era delas”, que “estava comigo porque era um idiota”, coisas assim. Eu sabia porque ele estava no meu pé. Eu não ficava com ninguém. Sabia que os caras apostavam cerveja, grana, um monte de bobagens pra ver quem conseguia ficar comigo. Eu era assim mesmo: cara. Quem quisesse ia ter que pagar o meu preço: na-mo-rar.
E para começar, só ia ter namoro se eu topasse. Pois deixei o Cacá uns dois meses telefonando; não dava muita bola, não. Quando ele tentou ficar comigo num barzinho, dei um empurrão nele. Quando tentou me beijar, mordi os lábios. Ele teve um acesso de riso e eu acabei rindo também. Minha mãe me contou que tinha feito com isso com meu pai e eu achei engraçado.
- Puxa, o que eu tenho que fazer pra ter você? – ele estava danado. – Desse jeito você queima meu filme!
- Pois pode ir comprando outro, que eu queimo todos! Ta pensando que eu sou como todo mundo? Mari-fica-fica? Sai dessa. Comigo é igual ao programa do Sílvio: “É namoro ou amizade?”.
- Você quer namorar comigo?
- Vou pensar... – respondi, com medo de que ele me mandasse passear.
Ele fez uma cara de quem não estava acreditando. Só que teve que acreditar.
Semana seguinte, na escola, tornou a perguntar:
- Pensou?
- Pensei.
- E aí?
Olhei em volta. Que graça! Uns três, quatro amigos do Cacá estavam de olho na gente. Se eles estavam pensando que o cara estava com aquela bola toda, se enganaram. Ou quase. Eu ia dizer que “sim”, mas, quando eu vi, estava dizendo “preciso de mais um tempo”.
- Ta pensando que eu sou bobo?
- Cacá, se quer, quer, se não quer, tchau! – respondi.
Acho que ele deu mais um tempo porque não queria perder a aposta, sei lá. Eu, no lugar dele, teria me mandado.
Acontece que eu estava fazendo isso de propósito. Todas as meninas queriam “ficar” com ele... E eu tinha o cara na minha mão. Bonito ele era, mais um pouco burro pro meu gosto. Uma letra, então, de doer! E os erros de Português?!
Depois de enrolar o Cacá por uns quinze dias, acabei aceitando namorar com ele. Até botão de rosa ele deixou no portão lá de casa. Se não tivesse deixado junto um bilhete, teria sido melhor:

Mariana, você me
Deichou louco nessa
Demora. Até quenfim!

Guardei o bilhete, correndo. E eu ia lá ser burra de mostrar tanta xucrice para as meninas do colégio?
Elas é que continuassem a babar por causa do Cacá. Agora ele ia me namorar e eu ia ficar por cima. Na minha.
O Cacá tentou me beijar algumas vezes na escola. Não deixei. Ele sempre tentava no intervalo, entre uma aula e outra, no corredor, no recreio, no pátio. Em lugar publico, nem morta. Eu sonhava com um beijo de cinema, o mar batendo nas ondas nas pedras, areia fina no corpo...Só que nessa porcaria de cidadezinha chamada Paris passa um riozinho tão pobre que não se consegue retirar dele nem um balde de areia. Bom, que fosse um lugar mais romântico que o corredor de um colégio, com platéia estimada em mil e duzentos alunos.
Outro dia tinha rolado um selinho. É, beijo de bico. A situação tinha um ar romântico: eu estava tomando sorvete, ele também. Ele estava ficando serio, eu ria; aí eu ficava séria, ele ria. Quando o cabelo dele grudou na cobertura do sorvete, e eu fui tirar, ele chegou tão perto que não deu pra fugir. E nem fiz força. Mas não foi um beijo desses que eu sonhei. Olhei em volta, preocupada. Por que tinha mania de preocupação? Não queria que ele falasse por aí que tinha conseguido me beijar e me desse o fora, como fazia com as outras. Queria ter o domínio, era isso.
Só sei que, afora o Português terrível, ia curtindo o meu namorado. Ele telefonava, a gente combinava de se encontrar no barzinho, ficava de mão dada, fazendo carinho. Agora essa porcaria de carta tinha estragado tudo. Não só a carta. Aquele primo do Cacá, o gaúcho, o Vítor, escrevia tudo o que eu queria ler. Ele só tinha um defeito: gostava da Vera! Bom, restava uma esperança: a segunda carta podia ser uma porcaria... Ou mais ainda: alguém poderia estar escrevendo pra ele!
Em cara, na hora do banho, pensei em terminar com o Cacá. Depois do jantar, assim que eu fui até o portão, desisti. Ele estava com um perfume tão bom, uma roupa tão transada... e eu estava tão carente...
Demos uma volta. Acabamos encontrando uns amigos dele, bem estranhos. Se tinha uma coisa que eu não gostava, era de cara com jeito de “fumado”. E esses dois estavam pra lá de “fumados”. O Cacá percebeu que eu não gostei e cortou o barato dos dois. Eu já tinha ouvido falar que o Cacá era chegado num baseado. Aproveitei a chance e perguntei pra ele se era verdade.
- Mentira, tô fora.
- Mas já experimentou?
- Já.
Levei um susto. Não me passava pela cabeça que podia ser verdade essa fama dele ser maconheiro. É, porque, para mim, fumou uma vez, vai fumar sempre.
- Só que fiquei rindo feito besta, me senti como um perdedor, sabe? – ele me olhou bem nos olhos, sem jeito. – E nem uma laranja depois eu consegui cortar. Acho que mexe com os reflexos.
- E nunca mais...
- Mariana, não é porque você faz uma vez que você tem que fazer de nodo. Fiz, acabou e não faço mais. E agora?
- Agora... agora vão dizer que namoro um maconheiro.
- E daí?
- Daí que, se você está dizendo que foi só uma vez, eu acredito.
Concordava com ele. Drogas só servem pra quem nunca consegue dizer **não**. Se droga fosse boa, teria outro nome: bolo de chocolate e *marshmallow*, por exemplo.
- Sabia que a Vera ta namorando o meu primo de Caxias do Sul? – perguntou ele, de repente.
- É, ela falou qualquer coisa.
- Duvido. Vocês não se largam! Você só pode estar por dentro de tudo, Mari.

- Ah, ela recebeu uma carta dele. É só isso que eu sei.
Pronto. Tinha mentido de novo. Eu era uma besta mesmo.
- Má, tenho que ir pra casa. Vou estudar.
Dei risada. O Cacá, estudando?
- Chega de brincar. Quero acabar com esta porcaria de oitava série.
Fomos para casa. Ele me deu um beijo e subiu na moto.
Foi só colocarmos nossos capacetes, que ele acelerou pra valer. Cara doido!
No caminho, pedi para ele parar. Tinha uma lua tão linda refletida no Sena!
- Eu sei que é um córrego todo coitadinho, mas, com essa lua linda, fica parecendo maior, o Sena verdadeiro!
- Já veio aqui de madrugada, sozinha?
- Sozinha, não.
- É lindo! – ele suspirou.
- É tão simples que chega a ser poético, sabe?
O Cacá ficou me olhando. Credo, eu até parecia um ET! O que eu tinha falado assim, de tão esquisito?
- O que foi?
- Gosto de ouvir falar. Você um dia vai ser poeta. – Subiu na moto e me levou pra casa.
Fui para o meu quarto e fiquei pensando no Vítor e no Cacá. Será que eu seria poeta um dia? Porque escrever aquela carta tinha mexido tanto comigo?
Nossa, que falta fazia uma irmã. Uma vizinha, que fosse. Ali no lado esquerdo da nossa casa morava uma família de italianos muito mais velhos. O caçula tinha idade para ser meu pai. O que não dizer sobre o mais velho?
Minha mãe entrou no meu quarto para dar um beijo de boa noite. A vida inteira me lembro dela fazendo isso. Eu estava começando a ler um livro de poesia.
- Você ainda vai ser poeta! – ela me cobriu como se eu fosse um nenê ainda.
- Não, mãe. Não é isso o que eu quero fazer... – estava com o pensamento longe pra caramba.
- Novidades? – ela perguntou antes de sair do meu quarto.
- Não. Dei só uma voltinha a pé com o Cacá.
- Eu vi. E seu pai também. E não gostou muito.
- Filha única sofre...
- Eu sei, mas também tem lá as suas vantagens – ela piscou o olho pra mim.
Tudo bem. Eu tinha mesmo algumas mordomias: roupas mais caras, mais transadas. Mas, procurava não abusar.
Fiquei um bom tempo ali na cama, abajur aceso, bebendo aqueles poemas. Será que a Vera ia melhorar nas cartas?
Demorei a dormir. Fiquei rolando pela cama, pensando nos amigos fumeiros do Cacá, no que ele representava na escola, a fama de bacana, um monte de menina no pé dele, pensei na Vera e no Vítor, naquele dia em que o vi pela primeira vez, dançando, só enxergando a minha amiga.
Olhei para o relógio. Já passava das duas da manhã e eu ali, pensando no namorado da minha melhor amiga e numa carta que eu havia acabado de rabiscar. Porque isso estava acontecendo comigo?
Ia passar. Sabia que ia.
Resolvi ficar mais amiga da Sossô. Eu não sei porque eu esnobava tanto ela. Ciúmes da Vera, claro. Filha única dava nisso. A gente nunca sabe repartir as coisas, uma vez que em casa tudo é seu.
Ela me contou que estava gostando do Paulista.
Achei melhor ficar quieta. O Paulista é um dos amigos do Cacá, aquele que eu tinha visto chegar

fumado. Com o tempo ia dar um toque para ela.
O Cacá resolveu aprontar até na escola. Como a família dele tem fazenda e andou cortando a grana dele (precisa dizer que o motivo é ele ser tripetende???), ele tem trazido fruta para vender no intervalo. Não dava pra acreditar. Ele chegou, em plena sexta-feira, com umas duas sacolas de poncãs, mexericas, limões, marcotes, laranjas-lima. Na maior cara-de-pau, oferecia ao povo, dizendo que estava passando necessidades.
Fiquei louca da vida. As patricinhas caíram matando em cima dele. Compraram até laranjas com cara de passadas. E, o que era pior, riam das bobagens que ele falava:
- Vendem-se laranjas, laranjinhas, laranjões, malas, malinhas e maletas, bolsas, bolsinhas e...sandálias Havaianas. Comprem de um pobre coitado, que não sabe fazer nada, a não ser... filhos!
Não quis nem ficar ali. Estava morta de raiva, e de vergonha também.
- Ih, Mari, como você é cheia de preconceito. Ele só ta levantando uma grana! – a Vera veio toda defensora do futuro primo.
Não agradou nem um pingo aquele monte de menina em volta dele.
Na saída da escola, ele ofereceu carona na moto.
- Trouxe capacete? – arrisquei, apesar de saber que meu pai me mataria se me visse de moto com alguém, usando ou não capacete.
- Negativo... – ele riu, o sol refletindo no cabelo comprido dele.
- Negativo, idem – corri para pegar o ônibus.
Enquanto passava pela roleta, pude ver o Cacá dando carona para a Cristina.
Que ódio!
Nesse fim de semana, a raiva foi tanta que eu nem quis falar com ele ao telefone. Passei o tempo todo na piscina de casa, tomando sol, clareando os pelinhos do corpo. Meus pais estranharam eu não pedir para sair para parte alguma, eu não reclamar de nada.
Dei um gelo na semana seguinte no Cacá. Ele fez o mesmo comigo. Idiota!
A Vera veio estudar aqui em casa, para a prova de Ciências. Só ela mesma para me salvar do buraco.
Depois de um bom tempo de ralação, entre um copo e outro de suco, e de resolver que dormiria aqui em casa, ela me mostrou a carta que tinha recebido do Vítor.
- Chegou hoje! Mariana, estou apaixonada por ele! Ontem ele ligou. Acredita que já passava da meia-noite? Ele disse que vem passar a Páscoa aqui em Paris. Não é demais? Vai, lê aí o que ele escreveu. Ele simplesmente a-mou a carta que a gente escreveu.
A gente? A-gen-te-quem? Eu tinha escrito cada linha daquela carta! Até o papel era meu!
- Tudo bem – ela corrigiu – A carta que você escreveu pra mim. Só que tudo o que você escreveu era verdade. Vai, lê. Anda!
Abri a carta:

Verissima,
Estou fazendo um painel – escondido da mulherada aqui de casa – com as cartas que vamos trocar. Já coloquei a tua carta e uma foto que mandei revelar. Por falar nisso, estou te mandando uma cópia, junto com uma foto minha. Tu estás a me arrebentar, guria. O sol está batendo no teu rosto, deixando um reflexo no teu cabelo capaz de fazer a lua, o próprio sol e os cometas morrerem de vergonha.
Não podia imaginar que tu fosses assim tão poeta, tão linda na forma de escrever. Sei que tens algo de tímida, mas por carta tu te tranformas, tu revelas sensibilidade...
Queria que fosse verdade esse teu sonho em que eu era o professor e tu a guria sapeca, aprendendo, fazendo pergunta danada. Ia te ensinar a Geografia da palma da tua mão, dos

contornos do teu rosto, da distancia do teu narizinho empinado até a tua boca gostosa, de onde eu tiro e como o batom, feito sorvete gelado, a se derreter quente na minha boca.
Gostaria de te ligar todo dia, mas sabes... esta porcaria de telefone, conta cara, pai e mãe reclamando. Fazer o quê, gata, ligar só uma vez por semana...
Vera, pega o meu moletom com o Cacá. Ele ainda tem o meu perfume misturado ao teu. Dorme com ele, guria... E sonha comigo!

Te amo demais,

Vitor

- Ele não é demais? Amou a nossa carta, Mari.
- Cadê as fotos? – eu estava curiosa. Queria ver se a dele estava junto. Quem sabe estivesse feio, cheio de espinha e cravos, cabelo oleoso, calça rasgada, barba rala, verruga com pêlo no canto da boca, sujo.
- Ta aqui. Mas só a minha. A dele deixei em casa.
- Como, você não trouxe? – perguntei, irritada.
- Por quê? Você não sabe como ele é? – ele estranhou o meu quase salto na cadeira da escrivaninha.
Fiquei sem jeito. É que eu esperava ver o Vítor, para dar uma desencanada. Ali só estava a foto dela, nada demais. Ele falava do brilho no cabelo, inveja do sol... Que brilho? Não via nada de diferente na foto, a não ser as vacas pastando, atrás.
- Foi na fazenda do Cacá – ela explicou.
- Ah!
- E aí, como é que vocês estão? Parou de encanar com ele?
- Sei lá. tem hora que eu gosto dele, tem hora que me dá uma raiva doida de ele jogar charme para aquele bando de safada... Você viu o que ele fez? Vendendo coisa na escola, feito tonto? E teve gente que comprou!
- Má, o Cacá é assim mesmo. Ele é um barato. É todo solto, não tem vergonha de nada, o estilo dele é assim mesmo. E aí, você me ajuda?
- Com o português?
- Ô, acorda, guria... – ela imitou o sotaque do Vítor. – Ajuda a escrever outra carta?
Pronto. Ou eu estava enganada, ou a coisa ia sobrar para o meu lado.
- Mari, você é a minha melhor amiga. Eu **preciso** – ela frisou bem – que você me quebre esse galhão!
- Vera, só mais essa, ta legal?
- Falou! – ela concordou.
Meu pai deu uma batidinha na porta do quarto.
- E aí, continuam estudando ou já vão pôr a língua de molho? – ele riu.
- A gente só deu um tempo, doutor Rogério – a Vera explicou, sem jeito.
Meu pai era assim mesmo. Tinha um vozeirão de dar medo, mas era um cara bem compreensivo.
- Ta boa, Verinha? – minha mãe enfiou a cabeça logo atrás.
- Tudo em cima, tia Thaís – a Vera levantou e deu um beijo na minha mãe.
Porta fechada, comecei, com um certo alivio, a carta da Vera:

Paris, 11 de março, só eu e você.
- Hum, que lindo! – a Vera espiou por cima do meu ombro.

- Vera, assim não dá... – reclamei. – Como é que vou ter inspiração com alguém me olhando?
- Quer que eu saia? – ela ficou toda sem graça.
- Não. Só não quero você grudada em cima de mim!
- Posso ligar seu som?
- Pode – consenti.
Era até melhor. Com som, sempre rolava um clima...mais romântico.
Comecei de novo:

Vítor,

Acabo de pedir seu moletom para o Cacá. Você tinha razão: tem o seu cheiro, um pouco do meu (lembra que me emprestou na volta do Carnaval?) e um monte de saudade. Coloquei embaixo do travesseiro, na certeza que vou sonhar com você todas as noites, até você chegar.
Não tenho feito nada de importante, a não ser aquele esquemão escola-casa-escola. Estudo, rabisco meus cadernos, escrevo no meu diário (sabia que tenho vários?), recorto silabas das revistas e monto seu nome de várias formas.

- O que foi? – a Vera estranhou.
- Nada. Não posso mais levantar? – eu estava mal-humorada.
- Ih, eu só queria saber o que aconteceu. Você parou de escrever, de repente...
- É que eu tive uma idéia. Vou fazer uma coisa, depois te mostro.
Fui até o banheiro. Era lá que eu guardava as minhas revistas *Capricho*, dentro do armário de toalhas, num canto separado.
Voltei, peguei uma tesoura, uma cola e continuei a carta:

VI*tor*
VitOr

[Silabas diferentes cortadas de revista, coladas aleatoriamente]

Viu? Fico fazendo isso o tempo todo. Parece até que eu não tenho o que fazer. É que o vento fica soprando o seu sono, e eu, pra matar a saudade, escrevo, corto, colo... e amo!
Aqui em casa esta tudo na mesma. Meu pai e minha mãe na farmácia, meu irmão saindo cedo e voltando tarde – ele diz que a faculdade é puxada pra caramba! -, a Sossô e a Mariana sempre comigo. Sabe o que elas dizem? Que eu estou com cara de boba, toda apaixonada. Nem ligo. Que eu fique assim, boba, eternamente...
Quando você chegar, vamos sair por ao, tomar sorvete de amora com cobertura de cereja quente e lembrar daquele gostinho de saudade.

Também te amo,

Vera

- Pronto. Acabei! – eu estava orgulhosa da minha pequena produção.
- Deixa eu ver – a Vera levantou da minha cama.
Fiquei ansiosa enquanto ela lia a carta. Será que ela tinha gostado?
- Ficou o máximo. Só tem um detalhe... – ela estava hesitante.

- Qual? – assustei.
- Você nem falou o que eu fiz, aonde fui. Na semana passada eu fui na festa da Sueli, lembra?
- Não, eu nem fui convidada!
- E tem outra coisa, Mari...
- O quê? – eu já estava ficando invocada.
- Nunca tomei sorvete de amora com cobertura de cereja quente. Prefiro chocolate.
- Ah, agora fica assim mesmo. E sorvete de amora é ótimo, você devia experimentar – retruquei.
Ela riu. Ficou lendo e relendo a carta várias vezes, até cansar.
- Ta ótimo. Deixa assim.
Ficamos mais um pouco falando sobre ela e o Vítor. Ela estava bem caidona, mesmo. Disse que ele tinha um beijo bárbaro, era alto, do jeito que ela gostava, mais velho que ela, de família mais rica também.
Eu não ligava para esse negocio de família mais rica. A Vera tinha um pouco de complexo. O pai tinha uma farmácia bem pequena – no lado de cima da linha do trem -, sustentava a mãe dele, que morava junto, e tinha um gasto grande com o jogo.
Todo mundo na cidade sabia que ele jogava pôquer no clube.
Ela ficou um tempão falando do Vítor, como ele ficava olhando ela, como tinham se conhecido, que ele derrubou todo o copo de guaraná em cima da roupa dela, na escadaria do clube, no primeiro dia de Carnaval, e que no dia seguinte já estavam juntos.
A Vera fala mansinho, não é assim agitada como eu. Quando vi, já era tarde e eu nem tinha estudado direito para a prova. Adivinha só de quem era a culpa? Da Vera e da carta, afora a minha culpa por escrever coisas para um cara que não era nada meu!
- Já pensou? Podemos ser primas de verdade. Eu o Vítor, você e o Cacá. Não ia ser demais?
Ia. Na cabeça dela. Estava com tanta raiva do Cacá, que se ele me telefonasse, naquele minuto eu terminava tudo. By fio mesmo!
Acabamos dormindo depois das três da manhã. Agora já nem me lembro mais qual foi a nota que eu tirei na prova. Provavelmente um dois ou três.
O Cacá não me procurou e nem eu o procurei. A gente ficou assim uma semana, sem se falar. Ver, a gente se via, só fingia que não via.
A Vera veio me dizer que pegou o moletom com ele. O moletom do Vítor. Estava toda feliz.
Fiquei com muita vontade de pedir para ela me emprestar um pouco o moletom. Queria sentir o cheiro que ele tanto falou na carta, mas ela nem ofereceu. Claro! Nunca poderia imaginar que eu estava tendo uns pensamentos tão estranhos!
Assim que ela foi até a lousa para resolver um exercício, dei uma disfarçada e puxei o moletom para minha carteira. Eu era a última da fila, ninguém ia ver.
Escorreguei um pouco o corpo e enfiei o meu rosto no meio da malha. Era o perfume dele! Pólo, de Ralph Lauren. O meu tio Alexandre tinha um igual. Nossa, era demais.
Coloquei depressa o moletom na carteira da Vera, e, sem querer, a agenda caiu. Ela ainda estava na lousa, e eu, mais que rapidinho, abri a agenda. Não sei o que esperava achar por lá, mas sabia que tinha uma foto do Vítor. Puxa, ele estava lindo demais. Por que será que a Vera não tinha mostrado pra mim? Por que andava guardando segredos? Provavelmente a Sossô já tinha visto.
Arrumei a agenda de volta.
Gente, o que eu estava fazendo? Vasculhando as coisas da minha melhor amiga e esnobando o meu namorado!
Fui para casa a pé, completamente sozinha. Os meninos passavam de moto, com as meninas na garupa. Fingi que não vi quando o Cacá passou com a Cíntia. Ela estava tão colada nele que, se eles tirassem um raio X de pulmão, no lugar de quatro, só iam aparecer dois, de tão grudados.

Sexta à noite, eu ali sozinha na varanda, balançando na rede. O telefone tocou.
- Quer ir ao cinema? – a Vera queria saber.
- Sei lá... – eu não sabia mais de nada.
- Vamos! A Sossô não quer ir. Estou sem companhia.
Avisei meus pais, tomei um banho, vesti uma roupa preta e saí.
Encontrei a Vera na porta daquele *shopping* minúsculo e ridículo chamado Champs Elysées.
Demos de cara com o Cacá. Fiquei roxa.
- E aí? Resolveu desencanar? – ele riu para mim.
- De quê? – eu respondi.
- Que bom! Então já que ta tudo normal, vamos ver o filme. Ta começando.
A Vera saiu de fininho, e eu acabei indo sentar com o Cacá.
Preciso ser sincera a esse respeito. Gostei que ele me puxasse, que ficasse passando o dedo no meu dedão (a unha estava toda roída, fiquei morta de vergonha), amei quando ele me abraçou e disse que me amava. Fiquei toda arrepiada. Deixei então que ele me beijasse. Estava com um finzinho de bala de hortelã na boca e cheguei a pensar que ia engasgar porque eu tinha que engolir – e voando! – o pedacinho de bala. Foi um beijo comprido. Ele percebeu (eu acho) que eu era uma BV, quer dizer “boca virgem”, pode?
O filme parecia bom, mas não deu pra saber se foi bom inteiro. O Cacá ficou perguntando umas coisas, eu respondia, eu também perguntava, ele falava.
- Você ficou com ciúmes porque eu dei carona pra Cíntia?
- Que Cíntia? – fingi.
- Ah, vai se fazer de boba, é?
- Cada um faz o que quer. Se eu desse carona pra alguém, você ia reclamar?
- Depende. Se desse carona pra um cara legal, um primo meu, o Vítor, por exemplo...
- O que tem ele? – levei um susto.
- Eu não ia ter ciúmes dele. Ele só vê a Vera pela frente, sabia? Assim como eu só vejo você! Pode ter mil Cíntias por aí... – ele falou no meu ouvido.
Senti um arrepio. O Vítor que ficasse com a Vera. Estava tão bom ali com o Cacá...
Saímos do cinema e ainda demos um pulo no bar de La Paix, um lugar meio escuro. Era a primeira vez que eu colocava o pé lá.
A Vera e a Ângela não quiseram ir. Fiquei me sentindo culpado de estar ali. O lugar não tinha boa fama; além do mais, eu estava de moto com o Cacá. Uma coisa que meus pais aprovaram e outra que eles detestavam: Capacete, total aprovação; lugar que não tinha boa fama, reprovação, nota zero.
Encontramos um bando de gente conhecida. Conhecida como “da pesada”. O Pedrão, o Pato, o Luli, a Cíntia, a Gina e o resto da turma. Todos estavam tomando cerveja.
Me senti completamente por fora. A minha roupa era muito certinha perto da roupa deles. O meu cabelo era de uma cor só, perto do cabelo das meninas. E o Cacá?
Enquanto eu tomava uma coca-cola bem careta - para espanto e horror daquele povo todo -, fiquei olhando o jeito dele. Alguma coisa não se encaixava ali. Ele era mais bem arrumado, mas toda vez que encontrava essa galera – que também estudava na minha escola – ficava igualzinho a eles.
Tentei me entrosar, falar um pouco da gíria deles, mas não consegui.
Me distrai tentando prestar atenção na musica, mas estava me sentindo careta, ridícula e abandonada.
O Cacá estava num canto do bar conversando com o Pato. Era impressão minha ou o Pato estava ajeitando um baseado?
Dei um jeito de chamar o Cacá.

- Preciso ir embora. Tá tarde...
- Dá só mais um tempinho, que eu te levo, Má.
- Não tem jeito. Não avisei minha mãe, e ela fica preocupada...
- Liga do orelhão e fala pra ela que eu te deixo na porta de casa – ele disse e virou as costas.
Me arrependi de estar ali.
Vi o Cacá saindo do bar com o Pato. No mínimo, ia fumar um baseado com ele.
Resolvi ir embora sozinha. Paguei a minha coca-cola e a porção de fritas. Ainda bem que eu tinha dinheiro no bolso da calça. Só que ia voltar para casa a pé. Nessas alturas, naquela Paris enorme, não acharia um táxi para me levar para casa.
Não fazia mal. O maximo que podia acontecer, naquela paris inteirona, era dar de cara com o Mane Fala Ó ou com a Gilda, meio louca, correndo pela rua.
Eu estava enganada. Paris, de madrugada, já estava ficando com cara de cidade grande. Três homens mexeram comigo no ponto de ônibus. Assim que resolvi desistir do ônibus – já havia passado da meia-noite e eles só rodavam até o horário da Cinderela -, fui descendo a linha do trem. Um bêbado me assustou, dois caras passaram de moto e me ofereceram carona e, para aumentar o meu pavor, o Mane Fala Ó estava mais agressivo. De nada adiantava dizer Ó. Ele me cercava e me encarava:
- Fala ó, fala ó!
Apressei o passo e corri.
Em dez minutos estava em casa, com o coração na boca, morta de medo.
Nem bem fechei a porta, e ouvi a buzina da moto. Era o Cacá, provavelmente.
- Chegou, Mari – meu pai.
- Dá duas voltas com a chave – minha mãe.
Fiquei tentada a abrir a porta e ver o que esse cara queria, depois de ter me largado sozinha para ficar com o Pato, por aí, fumando um baseado.
Apaguei a luz da varanda, dei oito voltas e meia com a chave e fui para o meu quarto.
- Tudo bem, filha? – os dois.
- Tudo. Durmam bem e juízo – foi o que eu pude responder.
Minha mãe estava com a razão. Ela tinha falado mil vezes que o Cacá não tinha uma fama muito legal, pediu para que eu desse uma investigada, não queimasse o meu filme com qualquer um.
Deitada ali na cama, viajei um pouco. Andei por Caxias, pelos bares de Paris, pensei em cartas, em poemas. Pensei no Vítor, na Vera. Dormi pensando nele.
Quebrei o pau com o Cacá na escola.
Ele veio tomar satisfação comigo, saber porque eu sai com tanta pressa, por que eu não abri a porta para conversar com ele – era mesmo o barulho da moto dele.
Eu não tive coragem de falar que não gostava daquela turma, que a reputação da galera era péssima. Fiquei só olhando, feito boba, enquanto ele soltava toda a raiva para cima de mim.
Acabei perdendo três aulas e terminando tudo com o meu namorado.
Quando vi, as coisas já tinham tomado esse rumo.
- Você é uma fresca, uma patricinha. Tem medo de quê?
- E daí que eu sou fresca?
- Não dava pra esperar eu falar com o Pato?
- Um maconheiro, é o que ele é.
- Preconceituosa. Você não passa de uma preconceituosa.
- E daí que eu sou preconceituosa? Vai me criticar, é? Vai saber se você não está no rolo...
- E se eu estiver?
- Pois é. Fico achando que ta.
- Pois ache o que quiser.

- Não quero achar mais nada, não.
- Tudo bem, só que não tem volta, Mariana.
Ele estava sendo claro. Estávamos terminando, e ele avisava que nunca mais ia voltar comigo.
- E quem disse que eu vou querer você de volta?
Ele passou a mão no meu rosto e, por um minuto, me senti triste.
- Desculpe, foi um engano. Achei que você era diferente.
O que ele quis dizer com isso? Eu não era diferente? É claro que era. Não andava ficando com tudo quanto é carinha por aí, não fumava, não bebia, "não" um monte de coisa. Isso não fazia de mim, uma menina diferente?
Pau quebrado, namoro acabado, contei tudo para a Vera. Já que as três aulas primeiras aulas tinham sido matadas, as outras três teriam o mesmo rumo.
- Nunca ouvi dizer que ele era um cara ruim. Dá uma de louco, mesmo, mas também... O que é que tem de ruim nisso? – ela veio com bronca pra cima de mim – Só porque ele ficou dando conselho pro Pato?
- Só porque você quer – fiquei na dúvida.
- Mari, o Pato é um cara superproblemático. O Cacá está sempre no pé dele. Com esse jeitão de louco, ele sempre fala pro Pato cair fora da maconha. Eles são amigos de infância. O Cacá sabe que o Pato é superinfluenciável. Não sei por que você fica invocada com umas coisas tão pequenas.
- Vera, eu não sei se gosto mesmo dele, dá pra entender? Eu acho que gosto, porque ta assim de menina atrás dele.
- E daí você se sente por cima.
- Não sei. Se eu não gosto tanto assim dele, por que estou me sentindo tão pra baixo, tão *down*?
A Vera não respondeu. Mexeu os ombros e deu uma risadinha sem graça.
- Um dia... – e interrompeu a frase.
O sinal tocou, empurrando a nossa conversa para fora da escola.
Enquanto a Vera e a Sossô abanavam a mão para mim, subi lentamente no ônibus. Do banco, pude ver o Cacá dando carona pro Pato. Os dois usavam capacetes.
Senti, de repente, um imenso nó na garganta e a sensação de que eu tinha me precipitado em relação a alguma coisa. Em que, eu não sabia.
Naquela semana, que demorou a passar, procurei me ocupar com minhas falhas químicas, físicas, biológicas e matemáticas.
Encontrei muito pouco com o Cacá na escola. Nas vezes em que cruzei com a figura, ele me cumprimentou e eu fingi que não vi.
Ia procurar me manter longe e inatingível, feito essas princesas de contos de fada.
Ri alto, gesticulei mais do que fazia normalmente e até contei umas piadas impróprias. O que estava acontecendo comigo?
Telefonema da Vera.
- Carta do Vítor. Você dá um pulo aqui em casa e me dá um help? – ela implorou – Please!
Fui. Meu pai me deu carona até a esquina da casa dela.
Azar. Para chegar na casa da Vera, era obrigatório passar em frente à casa do Pato. Dá pra adivinhar quem estava lá? O Cacá, o Pato e umas trinta meninas.
Fingi que não vi.
Droga. O que aquela porcaria do prefeito de Paris estava fazendo na cidade?
Levei um baita tropeção e caí, com cadernos, livros e bolsa, estatelada no chão.
O Pato atravessou a rua e me ajudou. Logo ele. Fiquei morta de vergonha.
Caí fora dali o mais rápido que pude. Entrei na casa da Vera, sem nem tocar a campainha.
- Nossa, que ralado é esse no joelho? – ela foi logo notando.

- Levei um tropeção numa porcaria de buraco. Também, esse prefeito só serve pra inaugurar praça! – reclamei.
Fomos para o quarto dela. Eu estava louca para ler a carta do Vítor. O que será que ele tinha escrito?
- Ele ligou ontem à noite! – ela estava toda sonhadora. – Não vê a hora de chegar pra Páscoa.
- Cadê a carta? – perguntei.
- Ta aqui, ó... – Ela foi tirando da gaveta.
Barulho no trinco. Era a avó da Vera querendo entrar.
- Ah, vó, agora a gente ta estudando. Depois você entra... – a Vera ficou irritada com a falta de privacidade.
- Só quero o meu crochê, Verinha! – a dona Matilde pediu, sem jeito.
Crochê entregue, porta fechada, abri a carta do Vítor:

Caxias do sul, 25 de Março, doido por você...

Verinha,

Achei a sua voz tão estranha na semana passada! Será que a minha guria se esqueceu de mim? Espero que não.
Novidade: estou trabalhando à tarde. É que quero comprar um carro. Estou dando aula de micro para uns gurizinhos de nove, dez anos. Tem uma aluna que se chama Vera, como você. Dá para sacar que tenho mais carinho por ela?
Não vejo a hora de rolar essa semana inteira para que eu possa ir para Paris. Vou e volto de avião. O duro é pegar, depois do vôo, um ônibus até aí. Não faz mal. Tu sabes que a paixão move a gente para tudo quanto é canto, para tudo quanto é lado.
Adorei tua carta, Vera. Eu leio e releio.
Acho que estás cada vez mais poeta com teu jeito de escrever gostoso.
Tô com ciúmes do meu moletom. Ele dorme contigo, sente teu corpo rolando em cima dele, ora de forma mansa, suave, ora selvagem. Acompanha teu sonho, faz parte da tua noite, da tua cama macia, do teu cheiro diurno, noturno. Só ele sabe se pensas em mim ou se foges até em pensamento... Já sei! Vou trazer alguma coisa tua, com o teu perfume. Assim, trocamos os sonhos e a saudade.
Tenho tocado guitarra com a banda nos fins de semana. Fiz um solo que ficou bem legal. Meus amigos tiraram uma de mim. Disseram que estou mudando de estilo. Eles têm razão. Meu solo foi pra ti. Fazer o que se tu me dás inspiração até para a aula de Filosofia?
Não ligo se as tuas amigas dizem que andas com cara de boba. Quer mais cara de bobo que a minha?
Tô louco para chegar logo aí em Paris para te abraçar e beijar mil vezes, tomar todos os sorvetes de amora do mundo, sentir o geladinho da tua boca esquentar a minha, aos poucos, me incendiando de paixão.

Vera, eu te amo muito.

Beijo,

Vítor

- Ele não é lindo? – a Vera nem esperou que eu acabasse de dobrar a carta.
- Na carta não dá pra ver... – eu estava com inveja da felicidade dela e da porcaria da carta. Por que eu não tinha alguém assim pra mim, tão romântico e apaixonado, capaz de dizer as coisas certas para uma menina?
- Você não tem uma foto dele? – arrisquei. – Uma mais recente? Eu só vi o carinha de longe. Nem sei se é tudo isso que você fala!
Estava mentindo com a maior cara-de-pau. Não bastava ter visto a foto dele na agenda da minha amiga?
- Aqui, ó... – ela abriu a gaveta. – Ele mandou na semana passada. Não mostrei porque...ah, porque não deu tempo.
- Ué, você nem pediu pra responder a carta... – estranhei.
- Ele só mandou a foto – ela explicou.
Ele estava apoiado na moto, de óculos escuros. Estava ma-ra-vi-lho-so. Des-lum-bran-te. De cinema.
- É, serve... – respondi.
A Vera deu um salto na cama.
- Serve? O Vítor é lindo. Lindo, rico e escreve bem. Ai, Mariana, você tem de escrever a minha carta pra ele. O papel ta aqui. Comprei hoje! – ela estava toda empolgada.
Minha amiga agira bem rapidinho. Já estava com papel de carta, envelope, cartão, cola.
- Vou ligar o som pra você pensar melhor. Dou um pulo até a padaria pra comprar rosca pra minha vó e você fica aí escrevendo. Tudo bem?
Fazer o quê? Ela já tinha pensado em tudo, não faltava nem o clima do som.
- Tudo bem, Vera. Mas vai se preparando, porque eu não tô a fim de ficar mentindo, não. De repente ele descobre... Vem cá – eu estava intrigada -, por que você estava com a voz esquisita com ele? Vocês brigaram?
- Meu irmão é que é um chato. A gente estava brigando quando o Vítor ligou. E depois, no meio de tanta gente, com essa falta de privacidade, com avó entrando e saindo da sala, como é que a minha voz iria ficar?
- Ah... Se é isso, tudo bem! – suspirei.
A Vera me abraçou e saiu, toda feliz, enquanto eu, ali, deitada na cama dela, rascunhava a carta. Até que comecei no papel definitivo.

Paris, Je t'aime, Vítor...

Faltam seis dias para a Páscoa. Não vejo a hora de você chegar. Quem sabe você já não esteja saindo daí de Caxias para cá.
Sabe, no dia em que você me ligou, eu estava mal mesmo. Não consegui prestar atenção nas explicações, fiquei viajando, pensando em você no meio da aula. Levei uma bronca da professora, tirei nota baixa – por incrível que pareça – e nem dei atenção para a Mariana, minha melhor amiga.
Quando cheguei em casa, fui para o quarto e deitei. Senti frio e me embrulhei no cobertor. Abracei meu travesseiro, meu urso e seu moletom, e me senti uma verdadeira mendiga: pobre, sem carinho, sozinha. Eu ainda estava curtindo esse clima quando você ligou. Estava meio com sono, fiquei meio besta, sem saber o que te falar. Me desculpa? Jura? Que bom!
Puxa, estou superorgulhosa de você. Dar aulas de computação deve ser demais. Eu não gosto muito desse negocio de computador. Acho o mistério da letra, as voltinhas que ela dá quando a gente rabisca um nome, uma palavra inteira, ou enxergar o erro de uma criança, uma coisa insubstituível; se estivesse escrevendo essa carta no computador, perderia toda a graça!

Fique certo de que se eu virar poeta um dia – o que eu duvido muito! – serei poeta de manuscritos. Serei poeta no coração, continuarei a escrever com cor de sangue as letras do seu nome, em forma de poema, com jeito de canção.

Nossa, eu estava sendo tremendamente radical! A Vera não ia gostar, com certeza!
Resolvi continuar.

Sabe, você nunca me fala das suas irmãs. Como elas são, o que fazem?
Vítor, eu quero saber tudo: o que você come de manhã, se acorda atrasado, sem tempo pra nada, ou se coloca despertador, se toma banho para acordar de vez, pega uma fruta e sai correndo, se lê o jornal – qual deles? -, se almoça tarde, dorme cedo, joga bola no fim de semana, qual a sua cor preferida, como são seus pais, parentes, o que gosta de ouvir, qual seu livro preferido, quem são seus amigos daí de Caxias – qual deles é mais amigo -, se foi ao cinema, se viu televisão de madrugada, se ouviu piada engraçada, se sorriu – a que horas -, se lembrou de mim, se ficou triste – mato esses minutos! -, se foi ao shopping (aí tem?), pegou um cinema, comeu pipoca – com quem?
Tenho curiosidade, quero saber tudo daquele que eu amo, para quem dedico minhas noites sem sono, quando rolo impaciente, meu falar meio rouco – você tirou uma de mim, lembra? Sei que, quando você chegar, não vamos ter todo o tempo do mundo para saber tudo um do outro. Me fale de você, para que quando a saudade bater eu conseguir viver de lembranças e sonhos!

Te amo muito,

Vera, tua gata

Puxa! Nenhum erro.
Como a Vera não voltava da padaria, achei melhor dobrar a carta em três e colocá-la no envelope. Antes, no entanto, resolvi abrir o vidro de perfume da Vera e deixei cair umas gotinhas no papel. O cheiro era bom. Ele ia gostar, claro!
Assim que ela chegou, abriu a porta do quarto e perguntou:
- Pronto?
- Feito!
- Que bom! – ela respirou aliviada.
Pegou o vidro de cola e colou o envelope.
- Que é isso, Vera? Você não vai ler? – estranhei.
- E adianta? Não vou saber escrever como você mesmo! Deve estar ótimo! Deve não, com certeza está... – ela me deu o envelope.
- O que é? – estranhei de novo.
- Da ultima vez você não escreveu o endereço e tive que bater a maquina. Foi um trabalhão. Já pensou se ele percebe a letra de um jeito no envelope e de outro jeito na carta? Vai descobrir!

A coisa estava ficando mais séria. A minha amiga estava se aproveitando da minha boa vontade, do meu português, da minha criatividade. E eu estava curtindo escrever cada linha, sentindo o perfume no moletom do Vítor no travesseiro dela. Precisava parar com essa historia. E, quando ele chegasse em Paris, como é que eu ia fazer?
- Ele nunca vai saber, Mariana. Você promete? – ela parecia ter lido os meus pensamentos.
- Nunca! – prometi, enquanto copiava o endereço com a minha letra na frente do envelope.
Missão cumprida, fomos até a cozinha tomar um café com rosca. A dona Matilde já tinha

colocado a mesa e estava ali, perto do fogão, trabalhando inquieta no crochê, como se cada ponto fosse um pensamento meu virando nozinho na ponta da agulha.
Olhares trocados, ela sorriu e me perguntou:
- Você também tem namoradinho, Mariana?
- Tinha, dona Matilde. Tinha... – diminui a voz, como se assim ela parasse de me encarar.
- Ah, mas o seu namorado definitivo está guardado, bem guardado! – ela voltou ao crochê.
- Tão guardado que vai mofar – eu engoli um pedaço de rosca, que passou seca na minha garganta.
- Mas um dia vai ser seu. E você mesma vai abrir a sua caixinha de surpresas pra ele.
Que raio de caixinha de segredos era essa? Essa velha estava ficando louca? Será que ela percebeu o nosso segredo?
Antes de pegar o ônibus, perguntei para a Vera que caixinha de segredos era aquela.
- Sei lá, Mari, minha avó tem mania de caixinha de segredos. Tem hora que fico achando que ela se refere à virgindade.
- Será?
Um dia eu saberia.
Já era mais de cinco horas. Também, ficamos ouvindo musica no quarto e fofocando.
Quando passei em frente à casa do Pato, não havia mais ninguém. Melhor assim.
Minha mãe também achou "melhor assim" quando contei que tinha terminado tudo com o Cacá.
- Coisa mais sem futuro, Mari.
- E eu tô lá na idade de me amarrar em alguém? Você namorou o papai oito anos. E se tivesse namorado um outro? Nunca vai saber se casou com o cara certo, vai?
- Sempre soube que seria esse. As minhas amigas namoravam muito. Eu, não. Tive aquela coisa, um tchan, um algo mais, um fogo subindo, ouvido surdo, chame lá do que você quiser. Foi paixão, amor a primeira vista. Você ficou chateada por ter brigado com ele?
- Não sei, mãe. Senti um vaziozinho...
- E...?
Fui encerrando o assunto. Disse para ela que não se preocupasse. Eu estava em outra.
- Que outra?
Inventei uma desculpa. Falei que estava numa de estudar, paquerar muito, conversar com vários meninos. Não ia falar para ela das cartas. Daquela coisa que eu sentia cada vez que recebia uma resposta, do que me ia no peito quando via a foto do Vítor. Ela não entenderia.
Sai com a Sossô no fim de semana. Conversamos com vários meninos em frente à Boulangerie Française – até padaria com nome francês essa Paris tem. Pleno sábado, e a gente numa padaria lotada de garotos. Com as "muitas" opções desta Paris, ficamos por ali mesmo, conversando, comendo, tomando coca-cola. Alguns meninos passaram de moto. Arrisquei uma olhada. O Cacá estava com a Cíntia.
É claro que eu não gostei. Fui esquecida tão rápido! Se tivesse uma saída de incêndio, eu encarava. Teria de passar por aquela porta se quisesse dar o fora.
Acabei conversando com o Mário, o filho do dono da padaria. Ele era meio metidinho, mas assim eu não passava por "largada e esquecida" na frente do Cacá.
Alias, nem precisava. Fui ignorada pelo novo casalzinho.
O domingo foi arrastado, chato que só vendo.
A semana também se arrastou da mesma forma. Eu estava só de olho no Vítor, que chegaria na quinta.
Quinta, saída da escola. Eu, Vera e a Sossô estávamos passando pelo portão quando a Vera soltou um grito.
- Vítor!

Parecia filme. Ele correu até ela, ela correu até ele, e os dois ficaram numa beijação louca. Para o meu espanto, nem olharam pra nós. Saíram andando meio devagar em direção ao clube, enquanto a Sossô pegava carona com o tio, e eu, feito uma idiota, deixava o meu ônibus passar. Melhor. Teria mais tempo para me refazer do baque.
Pensei em voltar e dar um pulo até o clube, me fazendo de boba. Negativo. Era melhor ir para casa, descer a avenida e me jogar na linha do trem. O que eu tinha na cabeça de escrever aquelas cartas para a Vera? De agora em diante, ela que se virasse com o cara. Gente, ele era lindo. Uma roupa tão diferente, sei lá, tava mais para modelo de revista que para cara de verdade.
Juro, que se a Vera não ligasse para me convidar para alguma coisa, eu nunca mais ia falar com ela. Nunca.
Fiquei num bode terrível. Sexta-feira santa, e nada. Tive vontade de telefonar para ela, mas não podia. O convite tinha que partir dela.
Sábado à tarde. Eu nem estava acreditando no que acontecia. Nenhuma palavra, nenhum telefonema, nenhuma passada lá em casa.
Resolvi desentocar e ir até a Crêperie. O crepe não era tão ruim, e eu estava dando uma de babá da minha prima Camila.
Não deu pra acreditar. Dei de cara com a Vera e o Vítor comendo crepe.
Ela fez sinal para mim.
- Vem cá, Mari. Acabei de ligar pra você do orelhão, mas ninguém atendeu. Quero te apresentar o Vítor. Vítor, essa é a Mari, uma das minhas melhores amigas! – falou, crente que estava abafando.
- Tudo bem com você? – ele me deu um beijo.
O perfume. O perfume do moletom. Era igualzinho.
- E aí, tudo legal? – nem acreditei que estava falando feito mano.
- Senta um pouco – ele convidou.
Enquanto a minha prima se divertia com uma amiguinha da classe, fiquei sentada ali, estarrecida, embobecida, caída de quatro por aquele homem maravilhoso. É, porque ele não tinha nada de moleque. Era um homem, com o rosto barbeado, menos queimado de sol do que na fotografia, mas lindo, maravilhoso. A Vera estava colada nele, os dois não se desgrudavam, se beijavam, se abraçavam, faziam graça. Eu parecia uma idiota, sem ter o que falar.
- Então é pra ti que a Vera conta os segredos... – ele piscou. – São muitos, Mariana?
- Uma meia dúzia de uns três ou quatro... – brinquei, do jeito que deu.
- Espero que eu esteja em todos esses três ou quatro.
A Vera riu pra mim.
Eu sabia porque. Tínhamos os nossos segredos.
- Gente, espera um pouco. Preciso dar dinheiro para o meu irmão – ela apontou para o Reinaldo, que estava na esquina da Crêperie.
Nossa! E agora? O que eu ia conversar com o Vítor?
Nem precisei começar.
- Mariana... É esse o teu nome, né? – ele começou.
Fiz que sim. Burra. E pensar que eu estava crente que ele sabia!
- Sabe, vou falar uma coisa que eu nunca disse pra alguém...
Pronto. E agora? O que ele ia falar?
Olhei em volta. Nada da Vera. Nada da minha priminha Camila.
- ... pra alguém que assim, que eu vejo pela primeira vez. É que tens um olhar tão sincero... e és amiga da Vera, mesmo... Mariana, estou caída por essa mulher. É. Mulher, menina, guria, chama do que quiseres. É a mulher da minha vida. Sei que tenho muito pela frente ainda, mas essa é a

mulher com quem sonhei, dá pra entender?
Dava.
Lá vinha a Vera, voltando, de calça jeans com lycra, justésima, camiseta branca, moletom amarrado para baixo da cintura, pele clara.
Fazíamos contraste juntas. Eu, morena, cabelo preto caindo pela cintura. Vera, pele branca, cabelo com luzes – todo mundo achava que a cor era natural -, corpo mais cheio, voz rouca.
Fiquei sem jeito e levantei. O cara estava caído, mesmo. Nem perguntou o que eu fazia, nem falou do Cacá. Vai ver, nem sabia que eu tinha sido namorada dele.
Achei minha prima na rua. Levei um susto. Ela estava a ponto de atravessar a avenida Champs Elysèe. Se alguma coisa acontecesse com ela, eu seria a culpada, lógico.
Fomos para casa sem nem tomar sorvete.
Enquanto a Vera e o Vítor, a dupla perfeita, se derretia sobre o crepe com sorvete de amoras, eu ia para casa de mão abanando, garganta seca, coração vazio.
Fiquei toda morta, cronometrando a partida do Vítor, o horário do vôo – tinha espiado no jornal -, o horário do ônibus.
Imaginei os dois se beijando, ele dizendo tudo ao vivo, o que já fazia nas cartas. E ela, toda sem palavras. Duvidava que conseguisse articular algo melhor que “ah, é claro que eu te amo, te adoro demais!”.
Apaixonado como estava, nunca notaria que quem escrevia não batia com quem falava.
Esperei o telefonema da minha amiga até quase meia noite. Já estava desistindo quando o telefone tocou.
- Alô...
- Mari, ele já foi – ela estava com voz de choro.
- Sério? – fiz de conta que nem imaginava.
- Ai, Má, tava bom demais. Agora ele só volta em junho, no feriado.
- Só dois meses, Vera – eu já fui fazendo as contas.
- Muito tempo. Será que vou sobreviver? – ela continuou com aquela voz de choro.
- Claro que vai. A gente arruma uns carinhas, umas paqueras, você vai ver! – brinquei.
- Ta ficando louca? Ele até brincou com o Cacá, dizendo pra ele tomar conta de mim, acredita?
- Sério?
- Sério.
- Nossa, coisa mais antiga. Ele não tem confiança em você? – estranhei.
- Tem, só estava brincando...
- Ah... – eu já estava achando aquela conversa muito mole.
- Sabe que o Vítor achou o Cacá muito quieto?
- Vai ver ta cansado de carregar menina na moto, pra cima e pra baixo – lembrei.
- Sei lá. Ele ficou com a Cíntia umas cinco vezes, acredita?
- E daí? – fiquei doida da vida. Eu não queria saber mais nada dele. Principalmente dele com a Cíntia.
- Daí achei que você ficaria com ciúmes.
- Eu? Ciúmes? Ta tirando uma de mim, é? Você não sabe que eu terminei com ele?
- Tudo bem, esquece. Não vamos brigar Mari – ela pediu.
- Mari, amanhã você tem que acordar cedo! – minha mãe gritou lá da sala de tevê.
Aproveitei a desculpa para desligar o telefone. Expliquei que a minha mãe estava no meu pé.
A semana correu tranqüila. Eu estava achando que desencanaria do Vítor, uma vez que do Cacá eu já estava quase que desencanada totalmente.
Na sexta à tarde, a Vera veio para a minha casa. Tínhamos um trabalho para fazer em dupla.
O telefone sem fio estava sobre a minha cama e, assim que tocou, corri para atender. Era o

Cacá, para minha surpresa.
- A Vera está aí? – ele foi logo perguntando.
- Arrã... – confirmei.
- Eu queria falar com ela – ele foi curto e grosso.
Achei meio estranho. O que ele podia querer com ela? Será que tinha acontecido alguma coisa com o Vítor?
- É com você, Vera – passei o telefone pra ela.
Ela atendeu com a voz tremula.
- Não acredito! É serio? – ela mal conseguia falar.
Não sei quanto tempo ela ficou falando com ele. Eu estava angustiada. Acidente, com certeza. Mas e aí? Como ele estava? Tinha quebrado algum osso? Estava vivo? Não, ele não podia morrer. Logo agora... Tinha que saber que as cartas...
- Mari, ele está em coma. Na UTI! – A Vera desligou o telefone e começou a chorar.
Éramos duas as “viúvas”. Chorávamos tão alto que até a Cacilda, nossa diarista, veio ver o que era.
Resolvemos, num lance rápido, ir para uma igreja. A sugestão tinha sido minha. Sempre agia assim quando algo ia mal. A Vera não gostou muito, não era chegada num templo, tinha arrepios, mas, acabou concordando.
Fomos a pé para a igrejinha do bairro. Choramos mais um pouco, nos acalmamos.
- Preciso ir lá. Tenho que dar um jeito! – ela chorava entre as orações de intercessão aos doentes.
- Estamos em semana de provas, Vera. E depois, o que você vai fazer em uma UTI?
Voltamos para casa. Ela desandou a falar. Resolveu telefonar para o Cacá, que veio buscá-la de moto.
Fiquei na frente da minha casa, ouvindo a conversa dos dois. Estava meio frio – lembro até hoje -, o vento esparramava o meu cabelo e o dela.
- Fratura nas duas pernas, umas costelas quebradas. O pior é o traumatismo craniano! Se ele estivesse sem capacete... Se ele estivesse sem capacete, teria morrido! – o Cacá desviou o olhar.
- Você vai pra lá? – A Vera perguntou com a voz tremula.
- Amanhã cedo. Avisei a escola, pedi prova substitutiva – ele olhou para o céu nublado.
- Pode levar uma carta minha? – ela pediu, abraçando o Cacá. – A gente nem sabe se ele ta consciente, mas mesmo assim...
- Tudo bem, Vera. Tenho certeza que o Vítor vai sair dessa. Passo na sua casa depois das nove, falou? – e subiu na moto sem nem olhar para mim.
Eu sabia. Pelo olhar da Vera, lá vinha carta. E bem nesse clima.
- Não posso falar agora, Má. Me ajuda. Nem todo mundo que fica na UTI fica inconsciente. Tem uma coisa aqui dentro do meu peito dizendo que ele vai ouvir o que eu escrever.
Quem escrever? Ela? Eu?
Suspirei fundo. Eu não tinha escolha. Dessa vez, não precisava de musica, de clima, de qualquer porcaria que fosse. Estava perdendo o Vítor da Vera. Estava perdendo o **meu** Vítor.
E foi nesse exato momento que eu senti que gostava de verdade desse cara. Não era só impressão, como muitas vezes tinha passado pela minha cabeça. Estava apaixonada por ele, pelas cartas dele, pelas fotos dele. Tinha medo de que ele morresse sem saber que eu era a autora das cartas que a Vera JAMAIS sonhou em escrever.
Cada frase, cada “amo” que pensei e escrevi era verdadeiro. Não queria que ele se fosse sem saber que eu também o amava. Era um amor bobo, distante, de quem o tinha visto duas, três vezes; trocado cinco, seis frases. Mas era amor, droga! E podia ser igual ou maior do que o da

Vera.
- Quer que eu vá pra sala de tevê? – a Vera perguntou baixinho.
Fiz que sim com a cabeça;
Esperava que ela não percebesse o meu amor por ele. Pelo menos agora.
Assim que ela saiu, me olhei no espelho. Nossa, estava horrível: meus olhos estavam inchados, meu cabelo tinha arrepiado com a chuva. Ou ela era muito boba, ou percebia e não queria me magoar.
Naquela hora, nada mais importava. Precisava falar do meu amor, em nome do amor da minha amiga.
Peguei meu bloco de papel de carta, e comecei sem muito esforço:

Vítor,

Recebi a noticia do seu acidente de moto quando estava na casa da Mariana. Senti, além da vontade de chorar, que cada osso do meu corpo doía.
O Cacá não entrou em detalhes – e nem precisava – sobre o acidente: como foi, quem te socorreu, onde você estava. O chato é que aconteceu, mas, graças a Deus você está vivo.
Não sei se alguém poderá ler essa carta pra você. Tomara que sim. Também não sei se você pode ouvir, se esta consciente ou não. Como dizem que o importante é mostrar carinho e amor nessas horas, é o que tento fazer.
Você pode, por favor, sair dessa para mim? Preciso que você fique bom para que possa me amar ainda mais!
Enquanto estiver nesse hospital – tenho certeza que vai sair logo! -, eu escrevo falando como está a vida aqui fora.
O tempo está bom. O sol está quentinho, mas um vento frio toda tarde ainda teima em aparecer.
Estivemos na igreja para rezar por você.
Tenho até vergonha de falar que o nome da nossa “catedral” é Notre-Dame. Você sabe, aqui tudo lembra Paris. Até um corcunda nós temos: O seu Cândido, o pipoqueiro que fica em frente à igreja. Bem que eu tive vontade de comprar pipoca, na saída. Você aí sofrendo, e eu comendo pipoca. Injustiça né?
Amanhã vou até a sorveteria Pigalle. Tomo um pouco de sorvete amora por você, ando um pouco pelas margens do Sena – coitado, um córrego tão mixo -, sento em um desses bancos de cimento, e imagino que você está ao meu lado. Pegamos então umas das barcas – já imaginou a gente no Bâteau Mouche? – e ficamos navegando pelo Sena, maior e mais iluminado, a luz das margens refletindo meus olhos nos seus, seu abraço quente me protegendo do vento na noite.
Ficamos navegando até tarde, quando você sugere que a gente desça e vá até a torre Eiffel – não faz mal se esse é o nome da caixa-d’água principal da cidade – para olhar essa pobre Paris inteirona querendo se transformar na Paris de Napoleão, grande e vitoriosa.
De lá, avistamos o Arco do Triunfo – a prefeitura não me parece tão ridícula, acredita? – e, encantados, descobrimos que o nosso amor pode tudo. Triunfa também sobre a distancia, a doença, a saudade.

Vítor, não me deixe, por favor.

Eu amo você.

Vera

Li e reli a carta. Tive vontade de chorar, mas segurei o quanto pude. Ouvi passos.
Era a minha mãe. Puxa, e eu que não escondia nada, agora vivia guardando coisas só pra mim.
Ela me perguntou o que a Vera fazia na sala de tevê e o que eu estava fazendo sozinha ali no meu quarto. Enrolei um pouco a minha mãe, como todo adolescente faz. Sabia que ela não ia cair no conto, mas não custava tentar. Se eu tivesse de contar, não ia ser agora, no meio da confusão do acidente.
- É uma experiência que a professora de Ciências mandou fazer. Transmissão de pensamento, mãe! – menti.
- Ah! Amanhã eu acredito! – ela piscou e saiu.
Chamei a Vera. Ela veio, com cara de choro, e entrou no meu quarto. Leu a carta e chorou mais ainda.
- Ai, Má... É tudo isso mesmo que eu queria dizer e nunca saberia como! Só você amiga... – ela me abraçou.
- Vera...
- O quê? – ela ergueu os olhos para mim.
- Preciso falar uma coisa... – criei coragem.
- Fala! – ela ficou esperando.
- É a ultima vez que escrevo por você, tudo bem? – eu tinha motivos de sobra para pedir isso.
- É chato escrever uma coisa que a gente não sente, não é? – ela me abraçou.
Vi meu rosto refletido no espelho. Não era ele que eu via. O que aparecia era uma expressão apaixonada, caída. Eu, quem mais poderia ser?
- É. E depois, eu acho errado. Um dia ele descobre e...
- Ele nunca vai descobrir, eu garanto! – ela prometeu.
A Vera se despediu de mim. Queria entregar a carta ao Cacá, com a recomendação de que ele ou uma de suas irmãs desse o que "ela tinha escrito" para o Vítor.
Assim que ela saiu, fui para a cozinha. Minha mãe estava preparando o jantar e eu ia aproveitar que ela tinha voltado do trabalho mais cedo para bater um papo.
Entre um gole e outro de café, me abri com ela. Não totalmente, como eu queria – sabia que viria bronca -, mas contei que estava apaixonada pelo cara errado.
- Isso acontece, Mari... – ela me tranqüilizou.
- É chato, mãe!
- Alguém que eu conheça?
- Não... – eu estava sendo reticente.
Desviei do assunto. Não queria contar para minha própria mãe que a sua filha Mari era uma perfeita idiota.
Passei Sábado, o Domingo e a Segunda consolando a Vera. Na terça, ela resolveu, sem mais ou menos:
- Vou pegar um ônibus até Caxias. Preciso ver o Vítor!
- Vera, são dez horas de viagem! – eu tentei ponderar.
- E a minha mãe não vai deixar eu ir sozinha. Você vai comigo! Eu pago! – ela estava tendo uma coisa.
Acabei concordando; concordando em "tentar pedir" aos meus pais. A Vera se instalou lá em casa, chorou, implorou, falou com os pais dela, tirou dinheiro da poupança, falou com os professores – ainda tínhamos mais duas provas para fazer.
Eu não queria ir. Mas me senti um robô – a Vera decidindo, fazendo, desfazendo. Quando vi, estávamos na estação, quarta, dia 23 de abril, meu pai pedindo juízo, minha mãe pedindo que telefonasse, a mãe da Vera repassando o endereço de uma prima dela de Caxias, onde ficaríamos hospedadas.

Parecia um teatro, em que, de autora, passei a atriz secundaria. Me senti uma marionete, uma besta. O que eu ia dizer a ele? Ia ficar olhando na UTI? Ia ficar chupando o dedo? Pela primeira vez, então, me arrependi das cartas, do que escrevera. Só não me arrependi de gostar dele.
Falei pouco na viagem. Meu Deus, eu nem sabia o que tinha colocado na mala! Seriam só três dias, não perderíamos tantas aulas assim. No domingo estaríamos de volta... Eu, pelo menos.
Tentei dormir. Fechei os olhos para que ela falasse um pouco comigo, mas com o cantinho do olho, janela com cortina aberta, ia olhando a estrada, as luzes, as estrelas a me seguirem, serias, compenetradas.
- To te estranhando, Mari. Você fica ai, só dormindo – ela me cutucou. – Anda, chegamos!
Levei um susto. Era verdade. Seis da manhã, e a rodoviária, muito maior do que a nossa, estava bem ali.
Enquanto tirávamos as malas do bagageiro, um senhor se aproximou:
- Vera? – ele puxou meu braço. – Sou o pai do Vítor. Obrigado por ter vindo – ele me abraçou.
Fiquei morta de vergonha. Tudo o que eu pude ouvir da minha própria boca foi a minha voz, saindo esganiçada, para explicar que eu não era a Vera.
A namorada verdadeira logo se apresentou. O pai do Vítor pediu desculpas e agradeceu muito a nossa solidariedade. Colocou as nossas malas no carro e nos levou direto para o hospital.
A Vera ia na frente, querendo saber mais detalhes sobre o acidente. Explicou que depois da visita iríamos para a casa da dona Florinda, prima da mãe dela. O doutor Gustavo não permitiu. Disse que ficaríamos na casa dele, imagine; se sentiria ofendido se não ficássemos. Telefonaria para os nossos pais avisando da nossa mudança de planos. Enquanto dirigia, falava emocionado que o Vítor adorava a Vera. Eu me senti anestesiada e jurei que não entraria na UTI. Agora precisava pular fora dessa, o mais rápido possível.
Entramos no hospital. A Vera foi abraçada pela mãe, agarrada pelas irmãs. Todos queriam vê-la.
- Gostaria que você entrasse lá, filha! – a mãe do Vítor pediu à Vera. – Sei que ele vai sentir a sua presença – ela estava chorosa.
Fiquei mais para trás, dando lugar a minha amiga. Segundos depois, a Vera voltou, apoiada pelo doutor Gustavo, passando mal.
- Ela se sentiu mal de ver o Vítor, Isa... – justificou, pedindo ajuda à esposa.
- Meu Deus, ele esta horrível! – foi tudo o que a Vera falou, antes de desabar, feito um saco de batatas, numa poltrona.
E vem água, vem açúcar, biscoito, café com leite.
Depois de um bom tempo, fui esquecida ali pela família e pela minha amiga. Todos tinham ido para o ambulatório e, de lá, haviam levado a Vera para alguma salinha VIP.
Fui para o toalete que ficava perto da UTI. Penteei meu cabelo, lavei o rosto. Quando sai de lá, dei de cara com uma moça que se apresentou como prima do Vítor.
- Quer dar uma espiada nele na UTI? Sou residente aqui. Pode ir – ela me mostrou por onde entrar. – Só precisa colocar a mascara, o avental e o propé.
Eu me senti ridícula com aquela roupa!
Suspirei fundo. Nunca tinha visto alguém na UTI. Doente, só um cachorro que havíamos tido, a Salsicha. E, ainda assim, um doente meio danado.
Meu Deus, era tubo para tudo quanto era lado! O rosto do Vítor estava bem machucado. Maquinas ligadas, tudo como nos filmes!
- Senta ai um pouco na cadeira do lado. Fale com ele, se quiser. Mesmo nesse estado, a pessoa pode ouvir. Temos esperança de que...
Não ouvi mais nada. Fiquei passando a minha mão na dele e, assim que vi que a prima havia saído da UTI, comecei a falar:

- Vítor, sou eu... Larguei Paris só pra ver você... – Brinquei. – A cidade está chata... Foi você que mandou que as luzes se apagassem? Até as estrelas, à noite não quiserem falar comigo! – e continuei dizendo o que vinha a minha cabeça, sem nem ligar para o outro paciente, que estava no leito atrás de mim. Segurei a mão dele com mais força, a mão que não tinha soro, e fiquei contanto o que tinha feito, como viera muda no ônibus, a falta que ele fazia, e o que planejava para nós dois.
Não sei quanto tempo fiquei ali; só sei que quase morri de susto quanto ele apertou a minha mão.
- Vítor, você está me ouvindo? – sussurrei no ouvido dele. – Aperta a minha mão se você estiver.
Ele apertou.
Tive vontade de gritar, mas não podia. Éramos só ele e eu naquela UTI, sem contar o outro doente atrás de mim, mas aquele parecia melhor que o Vítor, menos machucado, acho.
- Olha, eu não vou poder voltar... – eu nem sabia mais se estava falando a verdade ou mentindo, pra variar. – Tenho que ir pra Paris, cuidar da vida, olhar as estrelas, escrever pra você. E eu não sei o endereço do hospital, só tenho o da sua casa. Então fica legal logo pra eu poder te mandar mais cartas, ta bom? Você promete? – eu perguntei.
Senti um frio no estomago. Ele estava mexendo os olhos. Dei um pulo da cadeira e sai dali quase correndo. Entrei numa porção de corredores errados; tentava achar a saída do hospital, e nada. Quando achei a recepção, despenquei num sofazinho e fiquei esperando que alguém lembrasse de mim. A Vera, pelo menos.
Já passava da uma da tarde, e eu estava morrendo de fome. Não via nem sombra da minha amiga quando o doutor Gustavo passou por ali.
- O que você está fazendo aqui, Mariana? – ele até esboçou um sorriso.
- Fiquei meio perdida por aí... – tentei me desculpar.
- Você não vai acreditar. O Vítor saiu do estado de coma. A minha sobrinha, a Regina, me telefonou há meia hora. Ele já está falando, e entre hoje e amanhã, vamos passá-lo para um apartamento. Ele vai sair da UTI! Venha, vou levar você para casa.
No caminho, disse que a presença da Vera na sala teve um efeito maravilhoso de cura. Ele tinha essa certeza. Passou então a elogiar a minha amiga e da coragem dela de viajar tantos quilômetros. Por fim, meio sem graça, agradeceu também a minha presença.
Assim que entrei na casa do Vítor, todos vieram conversar comigo. A Vera estava toda animada.
- Mari, por onde você andou? Você viu, ele melhorou. Não é demais?
É. Era demais. Ela mal tinha entrado e saído da UTI!
Procurei relaxar um pouco. Afinal, ela que ficasse um pouco com o namorado. Eu não poderia falar mais nada, estava ali como amiga e me sentia sobrando.
Os pais do Vítor saíram para o hospital. As duas irmãs dele mostraram o quarto onde iríamos ficar e se sentaram para almoçar conosco.
A conversa girou em torno do Vítor. Tudo era ele. Até que, depois do almoço, elas nos levaram ao quarto dele. O que tinha de foto da Vera pelas paredes, armário, escrivaninha, não era mole. Ele mandara ampliar, fizera pôster, montagem, o mundo, o fundo, os lados. Mariana, sua besta, sua burra, era a Vera que ele amava!
Suspirei fundo pela milésima quinta vez, criei coragem e falei:
- Ele tem sorte! A Vera é uma pessoa maravilhosa!
Eu não estava mentindo. Daqui para gente, as cartas seriam dela e só. Eu precisara viajar um tempo enorme para perceber que eu amava uma pessoa que mal conhecia, que, por sua vez, amaria uma outra pessoa que nunca rabiscara uma carta.
Procurei me distrair um pouco, já que o Vítor estava praticamente fora de perigo e que agora seria a Vera a reinar absoluta.
Enquanto todos correram para o hospital, aproveitei para conhecer o centro de Caxias. Era perto

da casa do Vítor, e, com umas perguntinhas à empregada, me localizei melhor no pedaço. Cheguei a dar uma passadinha no *shopping* e me diverti com o sotaque das pessoas. Estranho o nosso país... A cada estado, a cada cidade, um sotaque.
Parei em frente a uma lanchonete e entrei. Resolvi experimentar “Bauru no prato”. Tinha comido muito pouco no almoço, sei lá por quê. Li no cardápio: bife agarradinho, carne de três, carne de aves, vazio. O que seria um *vazio*?
Voltei para casa já no finzinho de tarde. A Vera já estava lá.
- Nossa, Mari, você nem vai acreditar! Já passaram o Vítor pro quarto! – ela estava animada – Vou tomar um banho e ver tevê. Estou morta. Será que o acidente afetou o rosto dele pra sempre? Ele ta tão feio!
- Ô Vera, isso é hora de ficar pensando no rosto? A sorte é que ele melhorou, menina! – estranhei a minha amiga.
Ficamos conversando enquanto ela tomava banho. Depois dela, foi a minha vez. Todos estavam no hospital. Era um entra-e-sai na casa pra pegar pijama, perfume, coisa que não acabava mais. Acabei pegando no sono depois do banho, mesmo com o cabelo pingando sobre o travesseiro, e só acordei no dia seguinte.
As irmãs do Vítor, Suzana e Viviam, foram muito legais. Me deram um café maravilhoso, discaram direto para os meus pais.
- De jeito nenhum tu vais ligar a cobrar de novo! – a Suzana ameaçou.
- Cadê a Vera? – perguntei sem jeito.
- Foi para o hospital. Estava louca pra ver o Vítor. É uma paixão muito querida! – a Viviam suspirou.
- Nossa, foi mesmo uma pena o que aconteceu com o Vítor. Mas ele já está saindo dessa, graças a Deus... e á Vera! – a mãe dele foi falando, assim que entrou na sala. Ela falava pelo telefone sem fio com a mãe da Vera e explicou que, no sábado á noite, já estaríamos no ônibus. As duas.
Só fui ver o Vítor a tarde. A Vera estava ao lado dele, já na cama do apartamento, televisão ligada.
Ele estava outro. O rosto menos inchado, um aspecto mais limpo.
- Você lembra da Mari, Vítor?
Eu queria me enfiar debaixo do carrinho de chá que estava ali, mas tinha certeza que não caberia.
- Lem...bro... – foi tudo o que ele disse. – Obrigado por ter vindo, Mariana.
- Imagine...
Virei as costas e saí. A Suzana estava me esperando e me levou de volta para casa. Ficamos conversando o resto da noite. Ela era uma pessoa muito, muito legal. Ficamos bem amigas. Prometi até que um dia voltaria para passear mais. E ela prometeu que, indo para Paris, não ficaria na casa do Cacá e sim na minha. Achei melhor não contar que tinha namorado o Cacá. Já tinha escrito o que não devia, com aquelas cartas. Era melhor ficar quieta.
No jantar, a família estava reunida, o ambiente o mais descontraído possível, e a Vera lá, jogando charminho. Afinal, ela tinha sido eleita a “salvadora” do acidentado.
- Graças a Deus! – a mãe dele respirou, aliviada.
- Nem que ele perca este semestre no colégio, não faz mal! – o pai exclamou.
- Não perde não, pai. Ele é o melhor aluno do colégio – as irmãs falaram quase ao mesmo tempo.
Despedidas no sábado á noite. Tínhamos sido maravilhosas, dois anjos, seríamos recompensadas, com certeza. Eu seria.
Burrice e mentira se recompensam com o quê? Sorvete de jaca?
A Vera dormiu a viagem toda. Ate babou no meu ombro. Eu desci a cada parada de ônibus. Perdi

o sono, voltava a dormir. Tentei falar com as minhas estrelas, mas elas estavam mal-humoradas, as bandidas. A lua, gorda e chata, tinha dado o ar da graça e sumira. Noite sem papo.

Voltei para Paris pensando no Vítor. Tinha valido a pena, afinal de contas. Ele tinha melhorado e iria se recuperar. As palavras tinham sido ditas pela equipe medica: "como num passe de mágica", "um anjo, talvez?".
Domingo. Nossos pais na estação, tudo na base do "como foram?", "e daí?", "puxa, ele melhorou?" e um "agora vamos ver se as das assentam o pito".
A escola em ebulição. As duas corajosas, valentes e bravas – amiga e namorada do acidentado – haviam voltado de viajem. Todo mundo queria saber como tinha sido o encontro da Vera.
O Cacá, como parente, havia sido discreto: deixou a novidade para a Vera contar. E ela o fez, no recreio:
- Gente, entrei na UTI e segurei a mão dele. Acredita que ele mexeu o olho, só de sentir a minha presença ali? – ela foi logo contando.
- Vera, você apagou quando viu... – eu não acreditei.
- Mas isso foi depois – ela continuou.
Eu me decepcionei. Tudo bem. Estávamos empatadas. Eu mentia, escrevendo as cartas por ela, e ela mentia também.
Para a minha mãe eu tinha, finalmente, na noite de segunda, contado a historia toda. Ela ouvira sem dar nem um pio.
- Se eu soubesse, não teria deixado você entrar naquele ônibus! – ela suspirou.
- E eu não sei?
- E agora? Ta apaixonada por ele ainda, filha? – senti pena na voz da minha mãe.
- Acho que sim, mãe – eu estava sendo sincera.
- Vamos começar pelas cartas. Da próxima vez, diga a Vera que não vai mais escrever.
- Nem a despedida?
- Nem.
- A derradeira?
- Never.
- Ta bom... – concordei. Sabia que teria de ser assim.
Meu pai ficou fora dessa, pelo menos que eu tenha ficado sabendo. Evidente que a minha mãe abria o bico para ele de muitas coisas, á noite, na cama. Era sempre um zunzunzum que não acabava mais. Notei que ele me olhava pensativo, preocupado.
A semana da volta foi uma loucura: fizemos as duas provas substitutivas e tivemos que ralar muito em três trabalhos. Achei, não sei por quê, que eu e a Vera estávamos meio distantes.
- O Vítor ligou! – ela veio me contar, logo após o feriado de 1º de maio. – Ele falou comigo!
- Que bárbaro! – eu estava sendo sincera. – Como é que tava a voz dele?
- Normal. Pediu que eu... continue escrevendo. Só assim vai se recuperar mais rapidamente.
- Ótimo!
- Mari... – ela deitou na minha cama. – Você escreve pra mim?
- Não, Vera. Daqui pra frente, isso é com você.
- Mari, você vai me deixar na mão? Como é que eu vou fazer? Detesto escrever cartas!
- Copia de revista, inventa. Olha, Vera, não dá mais... – eu tentava explicar.
- Por quê? Você pode me dizer o motivo? Aconteceu alguma coisa? Não, me conta, eu fiz alguma coisa? Ta bom, eu não agradeci o bastante...
- Não é isso... – eu estava meio na duvida.
- Você foi uma amigona, a maior que eu poderia ter na vida. Deixa eu te dar um abraço...
Ela bem que tentou, mas decidi que não voltaria atrás. Tinha prometido para minha mãe. Tinha

prometido para mim mesma.
O mês de maio voou. Decidi virar nerd e tirar notas melhores. Fiquei sem sair de casa, andava meio pensativa. Não tirava o Vítor da cabeça, sentia falta dele, das cartas dele. Fazer o quê?
A Vera continuou me mostrando as cartas que escrevia para ele. Acabei corrigindo um ou outro erro de português, mas só.

Vítor,

Oi, aqui tá bem frio e é no frio que eu tenho mais saudade de você, com seu braço quente a me esquentar e me proteger do frio.
Estou estudando muito. Sabe que eu decidi ser medica? Preciso me preparar para ver um doente, mas é isso que eu vou fazer. Está decidido.
Tenho saído pouco no fim de semana. Não faz mal, né? E você? Está melhor?
Mande lembranças aos seus pais, adorei eles.
Estou com saudade.

Vera

Por mais que tentasse ser criativa, não conseguia. Médica. Que piada! Desmaiou assim que entrou na UTI!
Ela me dizia, a cada telefonema, como ele estava, que já tinha tirado o gesso, que estava andando normal, que ele me mandava “lembranças”, um “abração”, um “obrigado de novo”.
- Ele não esquece que você foi comigo! Não é um amor, Mari?
Era. Era um amor, mesmo.
- Ele disse que eu ando meio fria nas cartas. É que eu tenho tanta prova pra fazer! – ela suspirava. – Dá uma lida nessa carta aqui... – ela pedia.
- Só um segundo, Vera – eu tentava disfarçar, arrumando uma outra coisa qualquer pata fazer correndo, para não ter que ler. Ia me doer. Eu sabia.
Passei uns dias bem down, mas acabei sobrevivendo.
Maio acabou, junho entrou de sola. Procurei não me envolver muito nos rolos da Vera. Ela já estava grandinha, que se entendesse com ele.
Pintou um convite da Sossô para sair. Tinha uma festa na casa do filho do dono da Galeria Lafayette. Ele mandou convite para todo mundo do colégio. Resolvi ir. Me aprontei toda. Tava um frio de rachar.
Surpresa! A Vera estava lá com um cara que eu não conhecia. E estava nos beijos e abraços.
Fiquei com a Sossô e a turma da minha classe. Ninguém ligou muito para o fato de a Vera estar com outro. “Distancia é dose”, foi tudo o que eu ouvi.
Tinha bebida e muita comida boa na festa do Marcos. Resolvi até arriscar um “coquinho”. Desceu feito fogo na minha garganta. Ardeu mais ainda quando vi o Cacá com a Cíntia, colada nele feito Superbonder.
Por que eu tinha essas sensações tão contraditórias? Não era eu que estava arrasada pelo Vítor? Sofrendo?
Ciúmes. Era só um ciuminho.
Acabei ficando de papo com o Luciano. Dançamos e fiz muito charme. Precisava me divertir, ora. Se até a Vera se divertia, por que eu iria ficar chorando pelos cantos?
Voltei bem tarde, meio de pilequinho, rindo á toa. Será que eu estava, finalmente, livre da minha

paixão pelo Vítor?
No domingo fui até a casa da Vera. Ela estava normal, como se nada tivesse acontecido.
- Você não gostou, né?
- Do quê?
- Que eu fiquei com o Beto.
- Problema seu. Só não acho legal... – comecei.
- Mari, eu não sei mais se to afim do Vítor! Não sei o que aconteceu... – ela estava meios em jeito.
- Vera, Vera. E agora? O que é que o Vítor faria? Assim que melhorasse, viria para Paris, ia querer falar com ela, namorar, sei lá...
- Você não vai terminar por telefone... – ameacei.
- Ma ele já ta bom, ta até andando...
- Eu não acredito! – fiquei surpresa.
- Tudo bem. Acho que em junho ele vem pra cá. Até lá, vou levando em banho-maria...
- Assim, na maior?
- Calma, Mari! Dá até a impressão que você é a guardiã dos sentimentos dele!
- Não é isso! O que é errado, é errado! Espera ele vir pra cá, escreve menos, vai dando uns toques...
- Tem razão – ela ponderou. – É isso! Da próxima vez que ele telefonar, vou mandar dizer que não to! Mari, dá pra entender? Rolou uma coisa com o Beto. Desde o ano passado que eu tava a fim dele. Só que ele tinha outra menina. Agora é diferente... – e a Vera foi falando de coisas com as quais eu nem sonhava: olhares, telefonemas, segredos que não tinha me contado. Bom, eu tinha um segredão também, e não contei pra ela.
- E por que você insistiu que fossemos para Caxias?
- Sei lá, achei que ele fosse morrer! – ela tentava convencer não só a mim, mas também a si mesma.
Saí da casa da Vera com pena do Vítor. Ele ia levar um fora enorme, coitado. E daí estaria livre para mim. Será que eu estava sendo muito mesquinha?
Já era noite. Passei em frente a Crêperie. O Cacá estava lá, sozinho. Pensei em passar reto, fingir que não conhecia. Não. Para quê? Precisava entender os meus sentimentos.
- Oi.
- Oi, Mari.
- Cadê a Cíntia?
- Não sei. Cadê o Vítor?
- Não sei, ta lá em Caxias. Você é primo dele, deve saber...
Estranhei a pergunta. Essa era para a Vera, não para mim. Será que ele sabia de alguma coisa?
- Quer sorvete? – ele ofereceu.
Mesmo com frio, topei. A cobertura era quente. Sentamos num banco de fora da Crêperie, noite fria, céu estrelado. Tomamos um copo d'água, meio a meio, parceiros da noite.
De repente, me deu uma coisa: Fiquei olhando para ele, ele ficou olhando para mim. Meu coração acelerou, ia pular pela boca, achei que fosse ter um enfarte. Era isso, então, enfartar? Esperei. Estava viva. Não tinha morrido. Como meu coração ainda pulava só de ter o Cacá tão perto, ali, olhando para mim, fui abaixando os meus olhos até a sua boca e então eu o beijei. Senti um gosto tão bom, sem cobertura artificial nenhuma, e descobri que gostava dele. Ele era real, não ia desaparecer e, afinal de contas, não escrevia tão mal assim. Depois que acabei meu beijo, bem demorado, foi a vez dele. Ele me abraçou de novo e me beijou. O terceiro, depois desse, foi comum acordo, acho. O quarto, não lembro mais quem começou.
Ficamos ali um tempão, conversamos sobre tudo. Quase tudo. Não me interessava com quem ele

andava, se dava conselhos, se era um cara bacana. Azar, se não fosse. Eu descobriria com o tempo. Eu gostava dele, independentemente do colégio inteiro gostar. Eu, Mariana, gostava dele. Sem carta, sem confusão. Só com um pouco de confusão, vai.
- Sei que era você que escrevia as cartas – ele começou.
- Como? – eu quase não tive voz.
- Quando estive lá em Caxias, logo depois de vocês, bastou uma carta em cima da cama dele. Estava aberta. Você pensa que eu não te conheço? Que não sei que você consegue fazer poesia até pra falar? A Vera não ia escrever assim, não ia mesmo. Ela trocava uns bilhetes com o Tonhão, da minha classe...nem se compara. Essa coisa de falar da nossa cidadezinha como se fosse Paris de verdade é bem sua. Só esperei que você resolvesse o que fazer. O cara é meu primo. Você estava toda caída. Sabia que ele chega hoje?
- Hã? – levei um susto.
- É, de madrugada. Meu tio está trazendo o Vítor pra cá.
- O que eu faço? – fiquei apavorada.
- Nada. Quem tem de fazer é a Vera – ele me puxou e me abraçou.
Fiquei muda. Ficamos.
Entrei. Caí na cama como um anjo, dormi feito uma criança. Tinha muita coisa pra contar pra minha mãe. Mas isso eu faria amanhã!
Dia da padroeira da cidade. Feriadão na segunda.
Minha mãe estava tomando seu cafezinho da tarde, enquanto eu comia uma porção de coisas bocas e olhava para o nada.
- Mãe, eu to feliz, sabia?
- Pela sua cara, eu diria que está até em estado de graça! – ela riu. – Paixão, Mari?
- Paixão faz a gente tremer feito boba? Transpira quando ta frio? Tem frio quando faz calor? Quer ficar linda 36 horas quando o dia só tem 24? Quer ficar de qualquer jeito quando mais nada importa senão ficar junto?
- É, e tem mais um pouco ainda... – minha mãe ficou mais séria.
- Preciso contar mais uma coisa pra você, mãe – eu precisava falar do Cacá.
- Mãe é pra essas coisas...também! – ela acrescentou.
- Voltei com o Cacá. Mãe, dessa vez é sério! Eu sinto uma coisa por ele que nunca senti antes, sabia?
- Frio, calor, arrepio na espinha, queixo tremendo, perna bamba... – ela tomou o ultimo gole de café.
- Raiva, dor, ciúme, sei lá, mãe. É tanta coisa junta! Não sei se é pra vida toda, mas eu quero curtir enquanto dure.
- Acho ótimo, Mari – ela levantou e me deu um abraço. – Você precisa mesmo de alguém bem real!
Antes de refletir sobre o que ela tinha acabado de dizer, o telefone tocou. Eram cinco horas da tarde.
- Mari, o Vítor acabou de sair daqui de casa. Terminei com ele.
- Quê?
- Desencana. Ta tudo bem. Falei tudo, que foi esfriando, essas coisas...
- E ele?
- Não sei, ficou meio arrasado.
- Vera, você não devia...
- Não esperei ele melhorar? – ela me interrompeu. – Esperei – ela mesma respondeu.
- Você não contou, contou?
- Das cartas? Desencana.

Ih, ela não parava de dizer “desencana”.
Quis saber mais detalhes, quando ele iria embora, mas ela desconversou. Disse que estava pronta para sair com a nova paixão da vida dela, que o carro ele era zero, que estavam a mil.
- Tenho uma vida inteira pela frente, Mari, pra ir aprendendo, acertando.
Estava tudo bem, Vera. Eu também estava aprendendo e acertando...
Fui trocar de roupa. Coloquei uma mais quente. Não me preocupei com o batom; o perfume era o mesmo da manhã. Só penteei o meu cabelo, prendi num rabo por causa do vento. Sabia onde tinha de ir.
Fui andando até a Catedral. Precisava caminhar, sentir o vento gelado no meu rosto, procurar as palavras, colocá-las no lugar, fazer delas frases, desculpas, arrependimento.
Encontrei o seu Candido, pipoqueiro que ficava na esquina do nosso colégio, bem na frente á catedral. Comprei um saquinho de pipoca e sentei num banquinho da praça. Fiquei ali meia hora esperando pelo Vítor. Se ele lembrasse de tudo, saberia que alguém estaria ali a esperar por ele.
As luzes da praça estavam quase acesas quando senti uma mão no meu ombro.
- Vítor! – eu levantei.
- Oi, Mariana! – ele sentou do meu lado.
Eu, que estudara cada palavra a ser dita, estava ali, branca e muda, a olhar para o Vítor, sem enxergar nada.
- Eu sabia que tu estarias aqui na catedral, guria – ele começou.
- Eu? Por quê? – tive vontade de sumir.
- A Vera não gosta de igreja. Acha que o tocar dos sinos é triste. Faz lembrar gente morta, sei lá...- ele pegou na minha mão.
Silencio. Havia tanto a dizer e eu simplesmente não queria dizer nada.
- Desculpe, foi engano – minha voz quase não saiu.
- Tudo bem, isso passa – ele me deu um beijo no rosto. – Eu também me enganei, estava amando as tuas cartas, e elas não tinham muito a ver com a Vera, tu sabes disso. Fui ligando os pontos aos poucos. A Vera começou a escrever umas cartas tão bobas de um tempo pra cá!...Não fazia sentido. Não era a mesma pessoa, entende? E as cartas então, as letras eram parecidas, mas não iguais. Fiquei pensando, guria, no que a Vera tinha me falado na UTI: “Eu tô te esperando em Paris, em frente á catedral de Notre-Dame. Assim que você sair daqui, vou estar lá...” Hoje, logo depois que ela terminou comigo, vim pra cá. Assim que te vi, liguei o ultimo pontinho. Eras tu, na UTI. Minha irmã havia dito que a Vera não tinha colocado o pé lá dentro. Mas eu não prestara muita atenção. Estava mais preocupado em ler cartas, escrever, amar... Ia ficar feliz se tu me amasses, Mariana, porque agora, nesse momento – ele interrompeu o que ia dizer.
Aqueles minutos pareciam uma eternidade. Eu muda, ele quieto, até que completou:
- ...Eu vim também pra dizer que o Cacá...Bom, ele te ama muito, a Vera não gosta mais de mim e eu...Eu vou gostar de alguém um dia. Alguém como tu, que transforme barcos em bateaux, cidades pequenas em metrópoles, cartas em romances... A Vera por quem eu me apaixonei não existe. Nunca existiu. Quem sabe é um fantasma de “Notre-Dame”...- ele deu um sorriso, um beijo no meu rosto e levantou.
Ele sabia que eu escrevera as cartas! – fiquei ali no banco, morta de frio, querendo sumir, olhando o Vítor descer o jardim.
Peguei a ultima pipoca no saquinho e coloquei na boca. A casquinha parou no meio da garganta e eu comecei a tossir.
Alguém bateu nas minhas costas e consegui desengasgar.
- Passou? – era o Cacá, dando risada.
- Achou...que... – tossi mais um pouco - ...sim!

- E aí! Tudo em cima? Acabo de cruzar com o Vítor... – ele percebeu que eu estava com frio e me abraçou.
- Tudo em cima...- respondi.
- Eu não falei nada! – o Cacá sussurrou no meu ouvido.
- Eu sei... Ele acabou descobrindo sozinho que era eu que escrevia as cartas pra Vera – dei um beijo gelado no rosto congelado do meu namorado.
Cacá me puxou, colocou o capacete na cabeça, entregou o outro pra mim. Subimos na moto e fomos para o Bar de la Paix tomar um chocolate quente.
A gente tinha uma historia para continuar, uma historia com cartas – afinal, qual namorada não escreve cartas para o namorado? -, cartas sem mentiras, historias verdadeiras.
A minha historia não acabou aqui. Muitas histórias rolaram desde então. Você acredita que a Vera acabou fazendo Medicina? Não sei como ela fez pra se livrar das UTIs da vida, ela que desmaiou só de colocar o pé em uma! Ela fez Psiquiatria e atualmente mora em Paris, não a nossa, a Paris de verdade, e está no terceiro casamento, sem filhos. Continuamos amigas.
Lembra do Pato? Pois é, o Pato, que deu a maior canseira no Cacá por causa da maconha – descobri que o Cacá vivia tirando ele de fria! -, acabou tomando um rumo certo na vida. Eu achei que o Cacá estava no rolo com aquele povo e cheguei a terminar com ele umas duas vezes, até que o próprio Pato me deu uma superbronca.
O Cacá era o único a pegar no pé do grupo, a tentar fazer a cabeça do pessoal para uma vida sem droga. Sabe com quem ele se casou? Com a minha amiga Sossô, o maior barato. Eles têm uma loja na galeria Lafayette, e nos encontramos todo fim de semana. Foi uma pena eu não ter ido no casamento deles...tinha acabado de ter nenê!
O Vítor se casou com uma astrônoma, acredita? Ele é físico nuclear e mora em Porto Alegre, tchê! Tem gêmeos. De vez em quando, nos encontramos em algumas comemorações. Nunca mais falamos sobre... ah, as cartas, você sabe!
Eu? Bom, namorei o Cacá por muito tempo. Ele teve outra namorada, eu tive outro namorado, voltamos, brigamos, voltamos e...nos casamos.
“O seu namorado definitivo está guardado”, lembrei da avó da Vera.
Temos uma filha, a Carolina, e tem outro a caminho. O Cacá comprou uma fazenda pertinho de Paris, para onde nos mudados há pouco. Sempre foi seu sonho: lareira, sacada Romeu & Julieta, jardim, pomar e gado. Tinha que ser “de leite”.
Da sacada do nosso quarto vemos as estrelas e a nossa “grande” Paris ao longe.
Melhor é impossível!
O que eu faço da vida? Escrevo. Em pleno século XXI, publico livros de... poesia, claro!
Ultimamente tenho pensado em escrever um romance...Um romance com cartas.
Isso não daria uma boa história?